



memória das
**cantigas
do Jarê**

Ficha técnica

Texto: Paula Zanardi e André Castilho

Edição: Mariana Amini

Fotografias: Paula Zanardi e Mariana Amini

Revisão de texto: Gabriela Amorim

Preparação: Mariana Amini

Projeto gráfico e diagramação: Fernanda Cogo

Equipe de execução do projeto Memória das Cantigas do Jarê

Coordenação geral e pesquisa: Paula Zanardi

Texto: Paula Zanardi e André Castilho

Comunicação e redes sociais: Laís Correard e Renata Reis

Som e mixagem: Toko Ciocca

Fotografias: Paula Zanardi e Mariana Amini

Direção de Arte: Fernanda Cogo

Design de website: Marianna Vargas

Mobilização: Sandoval Amorim

Realização: Associação dos Filhos de Santo do Palácio de Ogum e Caboclo Sete Serra

Lideranças Religiosas: Cosme José de Sousa (Cosminho), Gilberto Tito de Araújo (Damaré), Maria Damiana dos Santos (Damiana), Gildásio Batista de Oliveira (Daso), Edivaldo Nunes dos Santos (Dil), Idelci Amorim Santos (Dinha), José Henrique dos Santos (Mussum), Pedro Gabriel Santos de Jesus (Pepê), Valdelice Nascimento de Jesus (Valdelice).

O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Zanardi, Paula Pfluger
Memória das cantigas do Jarê [livro eletrônico] /
Paula Pfluger Zanardi, André Castilho Pinto. -- 1.
ed. -- Lençóis, BA : Fundação Pedro Calmon, 2021.
ePDF

Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-00-20728-6

1. Antropologia 2. Cantigas 3. Candomblé (Culto)
4. Candomblé - Rituais 5. Chapada Diamantina (BA) -
Usos e costumes I. Pinto, André Castilho. II. Título.

21-62240

CDD-299.673

Índices para catálogo sistemático:

1. Candomblé : Religiões de origem africana 299.673

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

memória das cantigas do Jarê

Paula Pflüger Zanardi

André Castilho Pinto

LENÇÓIS, 2021

Sumário

<i>O Projeto</i>	7
<i>Pedro de Laura</i>	9
<i>Biografia das Lideranças Religiosas</i>	11
<i>Breve história do Jarê</i>	22
<i>Sobre as Cantigas</i>	29
<i>Abertura</i>	31
<i>Ogum</i>	32
<i>Aldeia d'Água</i>	35
<i>Iansã e Santa Bárbara</i>	39
<i>Xangô e São Sebastião</i>	42
<i>Sete-Serra e os Caboclos</i>	44
<i>Linhagem dos Nagôs</i>	55
<i>Boiadeiro</i>	57
<i>Cosme e Damião</i>	59



**Dedicamos este trabalho
à memória do Curador
Pedro de Laura e também
a Daso, Pai Gil de Ogum,
que veio a falecer durante
a realização desta pesquisa.**

O Projeto

Este livro é parte integrante do projeto “*Memória das cantigas do jarê*” que nasceu da vontade dos Filhos de Santo do Palácio de Ogum e Caboclo Sete Serra em ter a memória do jarê preservada e difundida. Com este desejo fomos juntando as peças dessa história para compor esta linda experiência para vocês. Reunimos fotografias que datam desde os anos 1970 e gravamos as cantigas que são entoadas nas festas de jarê, valorizando neste processo as lideranças da religião que participaram do projeto.

O resultado foi a criação de um arquivo digital formado por 445 cantigas que pode ser acessado no site <http://www.cantigasdojare.com.br>. Nele você pode ler a transcrição das cantigas e escutá-las nas vozes de nove lideranças jarê da cidade de Lençóis. Por vezes, os áudios das cantigas não correspondem exatamente às transcrições pois cada liderança as interpreta a sua maneira, gerando assim diferentes versões de um mesmo canto.

O trabalho de organização das cantigas foi feito originalmente por Gabriel Banaggia em sua tese de doutorado “As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina”. Às transcrições feitas por Banaggia, foram acrescentadas outras que foram sendo ditadas pelos entrevistados, totalizando 457 cantigas.

Tratando-se de um trabalho de preservação da memória do jarê, foi inevitável falar do pai de santo e Curador Pedro de Laura, o maior curador de que se tem conhecimento na história recente de Lençóis e um dos grandes mestres do jarê da Chapada Diamantina. Pedro de Laura foi o pai de santo da maioria das lideranças entrevistadas nesse projeto, pelas quais é lembrado com muito carinho e admiração. A importância do jarê de Lençóis pode ser auferida, entre outros fatores, pelo reconhecimento em todo território da Chapada Diamantina do poder de cura de Pedro de Laura.

Com o objetivo de contextualizar o leitor apresentamos um texto sobre a história do jarê, bem como a biografia de todas as lideranças que participaram diretamente do projeto: Cosminho, Terreiro de Ogum Guerreiro; Damaré, Terreiro Peji Pedra Branca de Oxossi; Damiana, líder religiosa de casa de jarê; Daso, Terreiro Pai Gil de Ogum; Dil, Terreiro Boca da Mata de Senhor Ogum; Dinha, Terreiro de Ogum das Águas Claras; Mussum,

Terreiro Filhos de Deus e Oxalá; Pepê, Terreiro Castelo de Ogum; Valdelice, Terreiro Águas de Iemanjá.

As fotografias antigas que você encontra aqui no livro como no site são do acervo pessoal de Sandoval Amorim, filho de Pedro de Laura, as mais antigas datando dos anos setenta. Alguns filhos de santo de Pedro de Laura afirmaram que tinham fotografias dele, mas grande parte se perdeu ou foi danificada pelo tempo. Assim, pudemos publicar no site aquelas mais antigas que a tivemos acesso. Na legenda incluímos as informações com nomes e datas quando foi possível identificar. Durante a pesquisa, solicitamos acesso às fotografias produzidas sobre jarê por fotógrafos, documentaristas e pesquisadores, as quais foram gentilmente cedidas para o projeto.

A arte do livro e site, criada pela designer Fernanda Cogo, mescla os símbolos tradicionais da matriz afro com imagens dos pejis (altares) das casas de jarê de Lençóis. A proposta é proporcionar uma experiência que reflita a lógica do jarê e suas festas, que tem como principais referências as entidades e a natureza. Esta escolha se dá por não querer organizar o jarê por categorias do mundo escrito, em códigos e procedimentos que lhe são externos. Portanto, mobilizar as categorias do jarê significa preservar sua potência e seu significado para os praticantes neste novo formato digital.

Já a sequência em que as cantigas se apresentam segue a ordem de chamamento das entidades nas cerimônias do jarê de acordo com a sua linhagem. Há, no entanto, variações a depender do “guia de frente da casa” e para quem é a festa em questão. Aqui começamos com Ogum. Na sequência vem as cantigas para saudar a Aldeia d’Água, seguidas pelas entidades Santa Bárbara e Iansã, Xangô e São Sebastião. A linhagem dos caboclos, que vem a seguir, é a que apresenta o maior número de entidades. Depois é a vez dos Nagôs, que chamam os mais velhos para sambar. A linhagem de Boiadeiro e Odé surgem logo após e, por fim, Cosme e Damião quando o dia já amanhece.

A Associação dos Filhos de Santo do Palácio de Ogum e Caboclo Sete Serra realizou este trabalho no intuito de valorizar e preservar a nossa memória e a do saudoso curador Pedro de Laura. Também o dedicamos à memória de Pai Gil, que infelizmente veio a falecer antes da conclusão do projeto. Desde o convite para participar do projeto, Pai Gil colaborou com muita alegria e entusiasmo por acreditar na importância de se preservar a memória da religião a que dedicou sua vida.

Este livro se destina aos filhos de santo das casas de jarê, esperamos que gostem do trabalho que foi feito com muito carinho. Também dedicamos este trabalho aos filhos de outras casas de matriz africana que queiram conhecer um pouco mais sobre a nossa cultura. Esperamos ainda que a disseminação do conhecimento sobre nossas práticas ancestrais ajude a combater a intolerância religiosa para com as religiões de matriz africana.

Pedro de Laura



Nascido na Vila de Santo Inácio, distrito do município de Gentio do Ouro, no extremo oeste da Chapada Diamantina, em 16 de abril de 1928, Pedro Florêncio Bastos desde pequeno era conhecido como Pedro “de Laura”, por ser este o nome de sua mãe, que o criou sozinho depois de terem se mudado para Lençóis.

Desde muito novo Pedro já exibia sinais de que nascera com um dom especial para se tornar um curador. Apesar disso Pedro jamais desejou



se tornar um pai-de-santo. Poucos sabem como se deu efetivamente sua iniciação, sendo por vezes associado a uma possível mãe-de-santo, Maria dos Mabaços. A formação de Pedro aconteceu com Manezinho Bumba, líder e fundador da atual Vila do Remanso, em Lençóis. Manezinho Bumba havia sido iniciado por Zé Rodrigues, curador de Lençóis considerado o maior mestre do jarê que já existiu na Chapada Diamantina. Após a morte de Manezinho Bumba Pedro de Laura assume os cuidados da casa e fez seus primeiros filhos-de-santo no Remanso.

Além do jarê Pedro exercia o ofício de pedreiro que havia aprendido do mestre Miguel Ângelo Guerreiro, vindo com o tempo a se tornar mestre-de-obras e, por sua grande destreza, o profissional mais recomendado para realização de trabalhos que exigissem acabamentos delicados.

Pedro de Laura compra o terreno próximo ao Rio Capivara, no qual hoje se encontra sua casa, o Palácio de Ogum e Caboclo Sete-Serra no início dos anos 1950. Praticamente todos os líderes das casas de culto hoje em funcionamento em Lençóis foram iniciados na Capivara.

Seus filhos-de-santo sempre falam a respeito das proezas de que só o criador do Palácio de Ogum era capaz. Quando manifestando sua lansã Pedro podia atravessar a fogueira do terreiro sem se queimar. Pedro também era capaz de prender a respiração por um tempo inacreditável, bem como, ao realizar matanças submersas, concentrar o sangue do animal sacrificado numa cuia e erguê-la para a superfície sem que seu conteúdo se misturasse com as águas do rio.

Pressentindo a chegada de sua morte, Pedro de Laura removeu grande parte dos objetos assentados em seu peji e os despachou no Poção do Capivara, tendo ocultado ainda outros para que não pudessem ser utilizados por pessoas que não possuíssem a capacidade necessária.

A morte de Pedro de Laura está longe de significar o fim de sua presença nas vidas daqueles de quem era próximo, e o curador continua a habitar não somente suas lembranças como seus sonhos.

Biografia das Lideranças Religiosas

As biografias a seguir foram escritas com base nas entrevistas concedidas pelas próprias lideranças do jarê biografadas. Nelas são contadas trajetórias pessoais que fazem parte da própria história do jarê de Lençóis e da Chapada Diamantina. Durante as entrevistas alguns pontos chamaram a atenção, como a observação feita por quase todos de que já não existe mais jarê na cidade, e o grande respeito e devoção a Pedro de Laura pelos que conviveram com ele, sempre lembrado como um dos maiores mestres da Chapada Diamantina. Ao final dessa página são citados nomes de antigas lideranças recordadas pelos entrevistados, demonstrando que o respeito e reconhecimento aos que se foram e veneração à ancestralidade são fundamentais entre os praticantes da religião.

Cosminho



Cosme José de Sousa tem 84 anos. É filho de Isaulina e Fernando, que foi um grande curador feito pelo pai de santo Sabino. Quando nasceu, sua família morava em Ibiquera, na fazenda Lagoa da Onça. Seu pai, Fernando, trabalhava na fazenda de Mário Hora durante a semana, cuidava de sua roça nos momentos livres além de prestar o serviço de curador para a comunidade. Sua mãe, Isaulina, teve vinte e cinco filhos entre os quais quatro

pares de gêmeos, que faleceram na infância. Cosminho é um desses oito gêmeos. Nasceu “mabaço” com Damiana, que faleceu ainda criança. Quando Cosme ficou doente aos cinco anos sua mãe prometeu que faria a festa para Cosme e Damião para

que ele sobrevivesse. A graça foi concedida e Isaulina continuou a fazer a festa até o filho completar 18 anos, quando transferiu a ele a responsabilidade pela obrigação que havia feito. Cosminho possui muitos orixás pois, segundo suas filhas, ele assumiu as aldeias do pai, da mãe e de todos os gêmeos falecidos.

Como é comum de se ouvir no jarê, na história de Cosminho também há um período de loucura. Quando era jovem, enlouqueceu e ficou cinco dias no mato, dentro de uma moita de espinho rodeado por uma cascavel. A cobra eram os seus guias que faziam a proteção enquanto ele recebia todas as forças para se tornar curador. Da moita foi tirado à laço e levado ao terreiro de seu pai para tomar os remédios. Depois desse acontecimento, fez santo com Sabino. Era para ser curador, porém não quis assumir o legado de seu pai, comprometendo-se com a festa e em benzer a quem precisasse. Quando se casou com Bernardina, mudou-se para a fazenda Morrinho Encantado, depois para Tanquinho, seguindo para a sede de Lençóis, onde se situa o Terreiro de Ogum Guerreiro há mais de trinta anos. Atualmente, suas filhas e netas dão continuidade à festa do pai. Essas mulheres possuem um forte vínculo com a “festa do pai” e querem continuar com o festejo após a partida de Cosminho, se ele assim o desejar. A festa da casa dura três dias, com muita comida, crianças, reza e até um reisado.



Damaré

Gilberto Tito de Araújo, filho de Albertino e Maria, tem 56 anos e é conhecido por todos em Lençóis como Damaré. Ele frequenta o jarê desde criança, quando ia acompanhado de sua avó. Recorda de ter ido nos jarês de Domingo Narizinho, Pedro de Laura, Dona Flora, Dona Aninha, Ana de Leque, entre outras casas. Quando conta sua história nos diz

que não houve uma motivação específica para começar um jarê, mas que quando “você vem marcado, não tem pra onde correr, tem que cumprir com seu destino”. Há dez anos construiu sua casa de jarê, onde realiza sua festa em 17 de setembro.

Seu terreiro é nomeado em homenagem à uma pedra próxima à localidade, onde estão alguns dos assentamentos de Damaré. Para chegar no Peji Pedra Branca de Oxóssi, que se situa próximo ao rio Mandassaia, é necessário caminhar cerca de 20 minutos por uma trilha. Percebe-se que estamos adentrando um terreiro, pois vemos os ornamentos cabalísticos que o cercam: panos coloridos amarrados nas árvores, cabeças de bonecas, bacias com água, algumas imagens e esculturas.

Damaré é artesão. Começou como lapidário, trabalhando pedras semi-preciosas em formatos de animais. Porém, produz e comercializa artesanatos dos mais diversos. O trabalho de transmissão de conhecimento no jarê, segundo Damaré, guarda semelhança com o ofício de lapidar pedras que domina: “A gente é como se fosse um diamante bruto que tem que lapidar para ficar perfeito. Um curador quando pega um filho de santo ele tá lapidando pra poder fazer uma joia. Eu entrei em Daso pra ajudar ele a levantar a casa dele. Desse tempo pra cá ele é meu pai de santo”.



Damiana

Maria Damiana dos Santos, como a maioria que herda este nome, é gêmea. Não é mãe de santo e não possui um terreiro, mas bate jarê para Cosme e Damião como é comum ser obrigação dos gêmeos. Sua irmã Dami também dá uma mesa de Cosme e Damião quando chega setembro. Conta que antigamente faziam a festa em uma roça conhecida por

“Bonita”. Quando os festejos eram lá, duravam nove dias. O pai delas, Feliciano, é quem começou com a festa aos santos gêmeos e ocupou-se de fazer o “cariru” até as filhas crescerem e assumirem o compromisso.

Outras manifestações da cultura popular de Lençóis também são praticadas na família. Há mais de trinta anos Damiana se veste de baiana e participa na lavagem da escadaria da igreja do Senhor Bom Jesus dos Passos, rito de início da novena em homenagem ao padroeiro dos garimpeiros. Seu marido era garimpeiro e seu filho hoje participa da marujada Barcas em Rios.

Em Lençóis é muito comum os festejos para Cosme e Damião. Por muitas vezes são obrigações derivadas de promessas. “Dão a mesa” de Cosme e Damião onde pode ser servida canjica, vatapá, caruru, além de doces e balas. Durante a mesa, também se faz a reza aos santos de devoção.



Daso

Gildásio Batista de Oliveira é conhecido na cidade por Daso, mas no jarê é chamado de Pai Gil. O Terreiro Pai Gil de Ogum fica à beira do Rio das Toalhas, em meio à mata. Iniciou-se no jarê aos 10 anos ajudando sua mãe, Luzia Batista, a fazer a festa de Cosme e Damião. Luzia foi feita pelo curador Zé Rodrigues e, após 30 anos realizando o festejo para os santos gêmeos, ela se converte à

“lei de crente”. Com a saída de sua mãe do jarê, Daso sabia o que fazer para manter a tradição. Sua sabedoria vem de sua linhagem: de um lado da família sua avó Ana era indígena e seu avô, Zé Torto, rezava animais. Zé Torto marcava o casco dos jegues para poder rezar e curar pelo rastro que o bicho deixava. O seu outro avô era o curandeiro

Justo Canela. Assim, quando sua mãe se desfaz das imagens e atabaques na beira do rio, Daso as recupera e passa a cuidá-las no quintal de casa, continuando os festejos de Cosme e Damião e até rezando algumas pessoas.

Depois de algum tempo, foi buscar Pedro de Laura para “graduar os meus guias: fazer a limpeza, o batizado e a matança”. Na ocasião disse à Pedro que não gostaria apenas de ser filho de santo do curador, mas que queria dar prosseguimento ao trabalho de sua mãe e se tornar pai de santo também. Quando foi pela primeira vez ao jarê de Pedro, não encontrou o curador. Este estava incorporado com o seu caboclo Sete Serra que falou à Daso que “Seu Pedro” deveria cuidar dos Orixás de Daso para que desenvolvesse a sua mediunidade. Com 30 dias de trabalho feito, em 1996, Daso já era pai de santo. Atualmente é a liderança que mais tem filhos de santo na cidade de Lençóis.

Daso trabalhou em muitas profissões e até passou um tempo em São Paulo trabalhando em metalúrgica, mas é no jarê que encontra sua paixão. O Terreiro Pai Gil de Ogum realiza quatro festas por ano: Cosme e Damião em outubro, Santa Bárbara em dezembro, fechada da casa quinze dias após a Quarta-Feira de Cinzas e a aberta da casa quinze dias após o Sábado de Aleluia. Conta que as festas podem ter de setenta a 150 pessoas e que a maior dificuldade de um terreiro é angariar fundos para as festas, que geralmente advêm de recursos do pai de santo e doações dos frequentadores.

Daso é também devoto do Senhor dos Passos e há 34 anos carrega o andor durante a festa do padroeiro dos garimpeiros de Lençóis. Sua mãe fez uma promessa ao Senhor dos Passos para que ele sobrevivesse à febre tifoide. Soma-se à promessa da mãe a sua própria promessa: quando foi graduado para ser Pai de Santo, Daso pede ao Senhor dos Passos para conseguir fazer o próprio terreiro. Desde então lava as escadarias junto com as baianas na abertura da novena. Hoje Daso tem um filho de 2 anos que já acorda cantando toque de caboclo. Vê nele a esperança da continuidade do terreiro.





Dil

Edivaldo Nunes dos Santos, conhecido como Dil, nasceu em Pau de Colher, zona rural próxima a Lençóis. Sua família é da comunidade quilombola do Remanso, onde atuava o curador Manézinho Bumba. Dil adoeceu por causa de uma comida e foi Pedro de Laura que o tratou com um forte purgante. Ficou sete dias internado sob os cuidados de

Pedro, porém antes de fazer o seu trabalho, o curador faleceu. Foi então buscar a ajuda na casa de Daso, onde ficou outros sete dias e realizou dois trabalhos que o iniciaram no jarê. Dil possui grande apreço por seu pai de santo e pelo que ele faz pelas pessoas da comunidade. No Terreiro Boca da Mata de Senhor Ogum, Dil realiza a festa de Santa Bárbara e a festa Cosme e Damião no mesmo dia. Esta última era obrigação de seu filho, em virtude de uma promessa que Terezinha, sua mãe, havia feito.

Dil não é curador, porém reza as pessoas. Conta que trabalha na intenção de um dia ser curador. Ele, todavia, não vê a possibilidade de seus filhos darem continuidade ao seu terreiro pois, para que alguém fique no jarê, este deve morar na roça e dedicar muito do seu tempo às atividades do terreiro: “tem que ter amor e carinho pra cuidar de um tanto de santo desses”.

A mudança de local do seu terreiro também marca a interrupção das práticas de jarê na comunidade. Antes sua casa era na cidade, até que as casas vizinhas foram vendidas a evangélicos. Dil então mudou-se para a roça para não assustar ou incomodar os vizinhos, evitando possíveis problemas. Durante a conversa, nos contou também que muitos filhos de santo do jarê mudaram de religião e acabam por abandonar suas imagens no cemitério ou na encruzilhada.



Dinha

Idelci Amorim Santos é conhecida como Dinha e hoje comanda a Casa de Ogum das Águas Claras. Começou a ir para o jarê por volta dos 15 anos. A casa que mais frequentava era a de Pedro de Laura. Depois de algum tempo Pedro pediu que Dinha fizesse uma saia de Orixá para ela dançar. A partir deste momento começou a levar o jarê mais a sério. Em um

jogo de cartas um vidente revelou que Dinha corria grande risco de morte e pediu que buscasse um curador. Recorreu então a Pedro de Laura que fez suas obrigações à beira do rio Capivara, durante os festejos de Santa Bárbara. Segundo ela, deve sua vida a Pedro, e em qualquer circunstância adversa é por ele que chama: “Se eu estou meio arrojada eu chamo pelo santo dele e sou valida”. Dinha nos conta que nem a morte foi capaz de levar Pedro, pois ainda sente a presença de seu espírito por perto.

Os laços entre os dois ultrapassam o jarê. Pedro cuidou do filho de Dinha, Sandoval, no primeiro mês de vida. Como ainda era muito jovem e sem condições financeiras para cuidar da criança, Dinha aceitou que Pedro o adotasse quando Sandoval tinha 4 anos de idade. Dinha, no entanto, sempre esteve presente na criação de seu filho.

É consenso entre os filhos de santo de Pedro de Laura que o curador é pai de santo de inúmeras pessoas Brasil a fora. São tantas que nem conseguem estimar quantos seriam seus filhos de santo. Dinha conta que até recentemente apareciam pessoas de outras cidades buscando por Pedro, sem saber que havia falecido. A devoção a Pedro é tão grande, conta Dinha, que até “a festa que eu faço é do santo de Pedro, é promessa que eu fiz e cumpro todos os anos”. Na Casa de Ogum das Águas Claras são feitas duas festas em uma mesma ocasião: o “cariru” para Cosme e Damião e a festa de Iansã.

Há mais de 40 anos Dinha costura roupas para o jarê. Quando pergunto das cores, explica que roupa para Santa Bárbara deve ter cores vermelha, branca e amarela. Já Oxum, usa amarelo. Mas é possível fazer uma roupa amarela e vermelha “que vai pegar as duas Orixás”. É visível o esmero em suas criações: laços de fita, rendas, camadas de tecido e mangas bufantes. “Se eu pudesse eu botava minhas meninas para vestir ouro! Quando a gente dá valor ao Orixá parece que a gente está voando com a roupa”.



Mussum

José Henrique dos Santos é conhecido como Mussum, seu terreiro de jarê dos Filhos de Deus e Oxalá fica no alto Capivari, muito próximo à casa de Pedro de Laura. Mussum chegou em Lençóis em 1973, aos 18 anos, criando raízes na cidade ao se casar quando tinha 22 anos. A família de Mussum já tinha suas obrigações com as entidades. Sua avó era parteira e trabalhava com

Nanã Borocô. Após falecer aos 116 anos, sua filha assume a responsabilidade e trabalha com Costa Nagô “segurando menino”. Mussum veio a conhecer Pedro de Laura e foi trabalhar com ele como ajudante de pedreiro. Assim que Pedro fez um jogo de búzios, Mussum descobriu que teria que cuidar de sua aldeia e das entidades deixadas por sua mãe. Mussum que hoje está com 59 anos, foi o penúltimo a fazer santo com o curador Pedro, entre 1983 e 1984.

Após o falecimento de Pedro, Mussum vai em busca do curador Zeca do Barbosa de Itaetê, pai de santo de sua mãe, avó e irmã. Zeca “tirou a mão fria” de Pedro, mas infelizmente veio a falecer seis anos depois. Mussum então vai à cidade de Cachoeira,

no Recôncavo Baiano, em busca de outra liderança religiosa capaz de tirar a mão fria do segundo curador. O pai de santo de Cachoeira o dispensou de cumprir a obrigação naquele momento, dizendo que só precisa fazer um reforço dela após oitenta anos.

Seu filho Aílton atuou no filme “Besouro”, rodado em Lençóis em 2009. O dinheiro que ganhou com a filmagem foi entregue ao pai para que pudesse comprar o direito de posse do terreno onde viria a construir o Terreiro dos Filhos de Deus e Oxalá. A família de Mussum mantém e transmite as tradições da cultura lençoense. Sua esposa, Nega, é atuante na Sociedade União dos Mineiros, uma das organizações responsáveis pela realização da Festa de Senhor dos Passos. Seu neto Tiago, com apenas 14 anos, participa da marujada, Lyra, capoeira, além de acompanhar os festejos da casa de seu avô. O terreiro de Mussum realiza cinco festas por ano: a aberta e fechada da casa, Caboclo Rei Marinho, Senhora Santana e Iansã.



Pepê

Pedro Gabriel Santos de Jesus, o Pepê, teve sua iniciação no jarê aos 3 dias de vida quando recebeu pela primeira vez sua entidade de coroa. Na ocasião, foi dado como morto pela avó e levado às pressas ao hospital, onde acabou se recuperando após 24 horas de internação.

Pepê era uma criança apática. Não brincava, não comia ou bebia. Segundo ele, foi “um sofrimento

até eu entender que era da religião”. Aos sete anos acompanha sua avó no jarê, onde recebe uma entidade que manda um recado: Pepê teria que seguir as doutrinas senão seria levado para o outro reino. Assim começa a se tratar. Em Utinga fez as obrigações com a mãe de santo Irani Gonçalves, que fez santo na cidade de Cachoeira. É enrolado,

catulado, raspado e coroado. Com apenas 12 anos de idade, Pepê se torna pai de santo. Pepê conta que sua casa é de Umbanda. Contudo, é visível a influência do jarê no peji, nas vestimentas e outros elementos do Castelo de Ogum. Apesar de alguns festejos para Cosme e Damião, conhecidos como “mesa”, serem realizadas dentro da cidade, os terreiros de jarê se situam afastados do centro, com acesso por vezes difícil em estradas precárias que cruzam rios. Única exceção à regra é o terreiro de Pepê que fica no bairro do Tomba, um dos mais populosos de Lençóis e próximo ao centro.

O Boiadeiro é a entidade de frente da casa. No pátio da casa há um mourão de boiadeiro, coberto de palha e rodeado de folha de aroeira onde o boiadeiro trabalha. As festas do Castelo de Ogum são: Cosme e Damião, Boiadeiro, Oxóssi, Iemanjá e Santa Bárbara. Cada festa recebe ao menos cem pessoas, entre filhos de santo e visitas.

Pepê é o pai de santo mais novo da cidade. Com a grande responsabilidade que assume apesar da pouca idade, tem apenas 20 anos, ele representa a transmissão da religião para as novas gerações. Na sua fé existe o compromisso com essa continuidade: “não deixa e nunca deixará a umbanda, o candomblé, nem o jarê acabar. No jarê eu nasci, no jarê eu me criei, e no jarê eu morrerei. Isso é uma mensagem que meu pai Ogum e Oxalá passam para todos”.



Valdelyce

Valdelyce Nascimento de Jesus começou a dar sua canjica para Cosme e Damião depois que teve gêmeas, há 39 anos. Seu terreiro Águas de Iemanjá está localizado no bairro do Baixo há 19 anos, mas é participante no jarê desde muito antes: “entrei no jarê na barriga da minha mãe”. Originalmente seu terreiro era na “latada”, construção simples

com base de madeira e coberta de palhas, que se difere das casas de taipa por não ter enchimento nas paredes. Por vezes Valdelyce faz uma nova promessa, e paga com um “cariru”, além da tradicional canjica.

Seu primeiro trabalho foi feito quando tinha nove anos de idade, e o batizado aos 17 anos, com o curador Pedro de Laura. Sua família inteira era da casa de Pedro. Valdelyce conta com nostalgia da época que tinha jarê para todos os lados. Nos dias 7, 17 e 27 de setembro todas as casas festejavam Cosme e Damião. Atualmente, conta com o apoio de sua família na condução dos festejos de sua casa de jarê, tanto do marido Corrô, como de suas filhas, e espera que elas continuem com os festejos de Iemanjá realizados no mês de fevereiro.

Antigos curadores e lideranças que foram citados durante as entrevistas:

Pedro de Laura, Zé da Bastiana, Valdemar, Flora, Domingos Narizinho, Dona Aninha, Flora, Alice, Bela Sacola, Luzia, Joaquina Palito, Valdelyce de Garrincha, Ana Rosa, Ana Trancinha, Dona Nena, Dona Alice, Pedrina, Maria Ingrassa, Balbina de Salu, Ana de Leque, Dona Roxa, Dona Pomba, Dona Roxa Cassiano.



Breve história do jarê



A história do jarê na Chapada Diamantina se confunde com a história do desenvolvimento do garimpo na região. Mais amplamente, ela está conectada com a história da diáspora africana resultante da imigração forçada milhões de cativos para trabalharem em terras brasileiras. O Brasil foi o principal destino do tráfico de escravizados da América, tendo recebido cerca de 4,8 milhões de cativos africanos entre 1550 e 1850¹. Como sabemos, até a abolição em 1888, os escravizados foram a principal força de trabalho no país, sendo fundamentais nos trabalhos rurais e nas áreas urbanas, bem como na mineração. Entre os séculos XVI e XVIII a maioria dos africanos vinha da região centro-ocidental da África, designada na literatura como Congo-Angola. De um modo geral, os habitantes da África Centro-Occidental (que se estende do Camarões até Angola) eram falantes de línguas bantu, região que, segundo a literatura especializada, constitui um tronco cultural uno que partilha cosmovisões e valores sociais². Salvador e Rio de Janeiro foram as principais praças de entrada dos cativos oriundos da África central, sendo levados desses locais para realizar trabalhos forçados em diversas partes do território.



Já os cativos da África ocidental, uma região que se estende do Senegal ao Gabão, constituíram cerca de 25% dos escravizados trazidos ao Brasil, algo próximo de 1,2

milhões de pessoas³. Calcula-se que a maioria dos africanos ocidentais foi traficada para cá no século XIX, vindos de uma região que os traficantes portugueses chamavam de Costa da Mina, que fica entre Gana e Lagos, a Nigéria. Entre o final do século XVIII e início do XIX, traficantes baianos mantinham estreitas relações comerciais com negociantes de escravos da Costa da Mina, fazendo com que a praça de Salvador se tornasse a principal porta de entrada de africanos e africanas dessa região⁴. Isso explica o fato de que em torno de 75% dos africanos ocidentais tenham se concentrado na Bahia⁵, trabalhando tanto em atividades agrícolas e pecuárias como nos centros urbanos. Dessa área foram trazidos para o Brasil majoritariamente povos falantes de línguas dos troncos gbe e yorubá, que na Bahia ficaram respectivamente chamados de jejes e nagôs.



Com a descoberta de diamantes na serra do Sincorá, cujos relatos mais remotos remontam aos registros de viagem do zoólogo Johann Baptist von Spix e do botânico Carl Friedrich Martius de 1820⁶, a área que viria a ser conhecida como Lavras Diamantinas se torna alvo de grande interesse nacional. A existência de jazidas faz com que o foco dos interesses econômicos se desloque da costa da província da Bahia para o seu interior. A notícia sobre os diamantes se espalha, promovendo um grande deslocamento de pessoas de diversas partes do país para a região montanhosa localizada no centro geográfico do estado. As principais rotas de migração eram pelo sul, de pessoas vindas das Minas Gerais, e pelo litoral baiano. Há registros de povoamentos formados por

¹ KLEIN, H. S. Demografia da escravidão. In: SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. DOS S. **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. [s.l.] Editora Companhia das Letras, 2018.

² SLENES, R. W. Africanos centrais. In: SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. DOS S. **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. [s.l.] Editora Companhia das Letras, 2018.

³ PARÉS, L. N. Africanos ocidentais. In: SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. DOS S. **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. [s.l.] Editora Companhia das Letras, 2018.

⁴ FLORENTINO, M.; RIBEIRO, A. V.; SILVA, D. D. DA. Aspectos comparativos do tráfico de africanos para o Brasil (séculos XVIII e XIX). **Afro-Ásia**, v. 0, n. 31, 27 jan. 2004.

⁵ PARÉS, L. N. **Africanos ocidentais**, 2018.

⁶ TOLEDO, C. DE A. **A região da Lavras Baianas**. text—[s.l.] Universidade de São Paulo, 28 mar. 2008.

garimpeiros, livres e escravizados, já nas primeiras décadas da exploração diamantífera. Em meados do século XIX, o adensamento populacional leva o governo provincial da Bahia a elevar alguns deles a vilas, como é caso daquelas que formam a região das Lavras Diamantinas: Lençóis, Mucugê, Andaraí e Palmeiras. Tal ocupação, no entanto, ocorreu através da lógica da conquista colonial que promoveu o extermínio de indígenas por todo o continente americano. Os povos originários que ocupavam o sertão baiano pertenciam às nações indígenas dos grupos linguísticos Tupi, Cariri e Gês, sendo encontradas na Chapada Diamantina os grupos étnicos Aracapás, Mongóis, Galaches, Ocrens, Oris, Cariacãs, Paiaíás e Maracás⁷. Apesar de haver pouquíssimos registros sobre os índios do interior da Bahia, o mais provável é que seu quase desaparecimento da região esteja ligado à sua morte e expulsão de suas terras pela exploração do garimpo de diamantes.

O desenvolvimento do garimpo nas Lavras Diamantinas envolveu, de um lado, os que lucravam com a exploração, os grandes proprietários de terra e comerciantes de diamantes, e de outro os explorados, homens pobres livres e africanos escravizados. Devido à facilidade de acesso, o mais provável é que os africanos trazidos para trabalhar nos garimpos fossem da África Ocidental, das nações Jeje e Nagô. No entanto, devido a sua dispersão pelo território nacional, muitos deles possivelmente eram oriundos da região Congo-Angola, na África Central. Com eles vieram suas formas de vida, sociabilidade e cosmovisões. Foi no bojo desse processo que teve origem o jarê da Chapada Diamantina.

Assim como as demais religiões de matriz africana no Brasil, o jarê surge historicamente por meio de complexas interações culturais entre cultos afro com o catolicismo popular de origem ibérica, o espiritismo e culturas indígenas⁸. Em uma sociedade escravocrata de constante repressão à população de origem africana, seja liberta ou escravizada, a religião se torna um espaço de união e resistência. Africanos vindos de diferentes regiões da África, assim como seus descendentes, que chegaram à Chapada Diamantina

durante o período da mineração, reuniam-se buscando recriar as experiências sociais e comunitárias das quais foram retirados. O terreiro era um dos espaços onde africanos, mesmo que de culturas distintas, se organizavam e criavam formas de convívio, laços de parentesco e relações de irmandade interligadas pela religião. As crenças, cultos e costumes trazidos por essa população africana que chegou à Chapada Diamantina em meados do século XIX foram se adaptando à realidade local.

Conta o antropólogo Gabriel Banaggia, com base em relatos orais transmitidos por pessoas antigas da cidade de Lençóis, que senhoras nagôs naturais da região do golfo do Benin, na costa ocidental da África, exerciam papel de liderança nas comunidades negras das cidades de Lençóis e Andaraí. Essas senhoras teriam vindo de Cachoeira (cidade ainda hoje referência das religiões de matriz afro no Brasil) e navegado através do rio Paraguaçu até aportar em Lençóis trazendo seus ritos, celebrações e objetos de uso ritual que são considerados centrais no jarê. Chegado na Chapada Diamantina, o candomblé jeje-nagô praticado por essas senhoras se funde aos elementos pré-existentes de fundamento congo-angola. Foi a transformação ocorrida com esse candomblé de nagô, como é conhecido, na região das Lavras que veio a dar origem ao jarê⁹.

O relato sobre a história das senhoras nagôs carrega algo que revela uma característica marcante no jarê: o sincretismo que está na sua própria gênese. As religiões africanas cultuadas pelos cativos e libertos que chegaram na Chapada Diamantina, e no Brasil de um modo geral, tem em sua essência uma abertura que favorece a incorporação de elementos de outras fés, o que explica a rica diversidade de religiões encontradas na África¹⁰. Assim, apesar das adversidades vividas por africanos e seus descendentes, o Brasil representou um solo fértil para incorporação de crenças que deram origem às religiões afro-brasileiras, a exemplo do candomblé, da umbanda, do tambor de mina e tantas outras.

O jarê é comumente entendido como uma variante do candomblé, mas diferente de

⁷ BANDEIRA, R. L. 1995. **Chapada Diamantina: história, riquezas e encantos**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia.

⁸ PARÉS, L. N. Religiosidades. In: SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. DOS S. **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. [s.l.] Editora Companhia das Letras, 2018.

⁹ BANAGGIA, G. **As forças do jarê, religião de matriz africana da Chapada Diamantina**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 107-109

¹⁰ PARÉS, L. N. “Religiosidades”, 2018.

sua versão litorânea mais “ortodoxa”, ele seria mais aberto à assimilação de influências externas ao cultos Bantu-Yorubá que estão na sua raiz¹¹. O antropólogo Ronaldo Senna define o jarê como um candomblé de caboclo, isto é, um culto resultante do encontro de entidades yorubás com entidades nativas da região da Chapada, que seriam espíritos descendentes de índios¹².

Esse cruzamento entre divindades africanas, ameríndias e do catolicismo talvez se explique pela natureza dos cultos e culturas bantu-nagô que se encontram no Brasil. A interação que escravos e libertos nagôs estabeleciam com culturas locais e outras nações africanas ajudaram a criar novas identidades e sociabilidades que resultaram na organização de formas de associação em torno da religiosidade¹³. Esses laços religiosos fortaleciam os vínculos entre africanos, como ocorreu com o jarê. Já os bantu carregavam consigo o culto aos espíritos tutelares da terra, que são entidades que auxiliam os grupos que vivem em uma determinada área. Ao entrarem em um novo território a primeira preocupação dos bantu era saber quem são os donos da terra (seus espíritos tutelares) e como entrar em contato com eles. Com a vinda forçada para terras brasileiras, africanos congo-angolanos realizavam rituais para entrar em contato com espíritos indígenas, “caboclos”, em seus rituais: as entidades donas da terra¹⁴.

Conforme consta pelos relatos orais, as festas de candomblé organizadas pelas senhoras nagôs onde ocorriam danças e toques dedicados a rituais de incorporação das entidades africanas, eram visitadas por espíritos indígenas. Esses espíritos dos primeiros ancestrais dessas terras se faziam presentes nas cerimônias, sendo aceitos pelas nagôs, que passaram a adotar espaços para adoração dessas entidades do lado de fora de suas casas. Ao longo do tempo as entidades indígenas passaram a ser acolhidas dentro das casas de culto, dando origem ao jarê que ainda se pratica na Chapada Diamantina¹⁵. De acordo com Gabriel Banaggia, tanto a cosmologia como a ritualística do jarê sofreram

¹¹ ALVES, P. C.; RABELO, M. C. Jarê: Religião e Terapia no Candomblé de Caboclo. In: **Anais do Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2009.

¹² SENNA, R. S. **Jarê: Uma Face do Candomblé**. Feira de Santana: UEFS, 1998.

¹³ PARÉS, L. N. **Africanos ocidentais**, 2018

¹⁴ SLENES, R. W. **Africanos centrais**, 2018

¹⁵ BANAGGIA, G. Conexões afroindígenas no jarê da Chapada Diamantina. **Revista de Antropologia da UFSCar**. 9 (2), jul./dez. 2017: 123-133. 2017.

mudanças a partir dessa influência afro-indígena, o que está na base das particularidades dessa religião, seja em sua música e dança em ritmos acelerados, nas cantigas em língua vernácula puxadas pelas entidades ou nos momentos de práticas de cura.

A cura é um dos momentos rituais mais importantes no jarê. A capacidade de tratar pessoas dos mais diversos males está ligada ao dom que o pai-de-santo, conhecido como curador, tem de interagir com pessoas e espíritos conseguindo identificar e curar problemas que escapam ao controle dos humanos. São os caboclos que exigem do curador que este cumpra o seu destino e lhe conferem os poderes de cura após um longo e penoso processo de limpeza do seu corpo e assentamento de seus guias¹⁶. Além disso, o trabalho do curador prescinde de um reconhecimento da comunidade quanto aos seus poderes.

O arriscado trabalho de busca por diamantes provavelmente favoreceu o estabelecimento de conexões entre o garimpo e o jarê. Além os laços de fraternidade que a religião forjava entre africanos escravizados e libertos, a participação nos rituais de jarê poderia servir como medida de proteção contra acidentes e mesmo para livrar da morte, acontecimentos recorrentes nos trabalhos nas serras da Chapada Diamantina. Além disso, o diamante encontrado e bem escondido dos senhores donos dos garimpos era estratégico para a compra de alforrias. Os curadores de jarê, através de consultas às entidades, poderiam indicar ao garimpeiro algum caminho para encontrar a desejada pedra, o que em geral implicava na determinação de obrigações rituais para “desinfusar” o garimpeiro e conduzi-lo ao bambúrrio, isto é, à descoberta do diamante, e esse à sua fortuna.

Assim, com o passar do tempo, o garimpo e o garimpeiro desenvolvem uma relação de identidade com o jarê. De acordo com Ronaldo Senna, ao passo que a cosmologia católica não oferecia resposta imediata às inquietações do garimpeiro, o jarê oferece um universo místico que vem ao seu socorro¹⁷. As explicações sobre a sorte ou dificuldades sobre a vida no garimpo que pertencem a cosmologia do jarê e são transmitidas através dos curadores, atravessaram as décadas e seguiram fazendo parte da rotina

¹⁶ ALVES, P. C.; RABELO, M. C. **Jarê: Religião e Terapia no Candomblé de Caboclo**

¹⁷ SENNA, R.; AGUIAR, I. **Jarê: instalação africana na Chapada Diamantina**. Afro-Ásia, v. 0, n. 13, 19 jan. 1980.

dos garimpeiros até gerações mais recentes. A crença na união espiritual entre os diamantes e as estrelas, de que para cada astro há um diamante enterrado; a ideia de que o diamante tem um dono escolhido pelo destino; se orientar pelo chamamento que o diamante faz ao seu dono através de sinais de som e de luz; a crença de que a pedra tem vida própria, se escondendo de quem não o merece e se revelando ao seu dono.

Esses exemplos demonstram como o jarê penetrou na vida cotidiana dos moradores da Chapada Diamantina, e mais particularmente da cidade de Lençóis.

Outra forma de perceber essa influência da religião na sociedade está no reconhecimento popular sobre o poder dos curadores de jarê. A persistência da importância do curador com o passar do tempo pode ser verificada na constante demanda por suas capacidades milagrosas, sendo este encarado pelo povo como alguém sempre presente e disposto a ajudar os necessitados e que realiza seu trabalho sem exigir algum retorno em dinheiro. Por sua especialização e conhecimento de medicina incumbida de poderes mágicos, o curador ocupa um papel de autoridade¹⁸.

A história do jarê só pode ser pensada a partir da história do desenvolvimento das Lavras Diamantinas e suas comunidades. Não seria exagero dizer que o inverso também é verdadeiro. Os saberes e cosmologias do jarê ajudaram a criar experiências de convivência baseadas no espírito coletivo, na solidariedade comunitária e na reverência à ancestralidade que unia escravizados e libertos, e oferecia meios para resistir ao sofrimento a que estavam submetidos. Com o declínio do garimpo já no fim do século XIX, as populações das cidades e povoados da região, majoritariamente negras, ficaram sujeitas a um isolamento que trouxe grandes dificuldades e privações para as pessoas de um modo geral. É provável que tais condições tenham gerado uma maior identificação com o jarê, seus ritos, com o culto às suas entidades e valorização das suas visões de mundo. Apesar da redução do número de casas de jarê nos últimos anos, é raro encontrar algum nativo ou nativa em Lençóis, cidade que congrega o maior número de terreiros, que não tenha tido algum com contato ou relação mais próxima com a religião¹⁹. O jarê é parte fundamental do imaginário coletivo que forma a identidade do povo da Chapada Diamantina.

Sobre as Cantigas

Um dos aspectos que diferem o jarê de outras religiões de matriz afro é a forte influência indígena tanto nos seus rituais como na sua cosmologia. O ponto mais importante dessa presença está na veneração, junto aos orixás do candomblé, de espíritos indígenas. Estes são conhecidos como caboclos, que é a antiga designação do índio brasileiro. A assimilação desses espíritos indígenas aos ritos do jarê é tão marcante que, eventualmente, todas as entidades passaram a ser referidas como caboclos, fenômeno esse que pode ser entendido como uma “cablocarização” dos orixás.

As cantigas entoadas durante o culto possuem um papel central no jarê, pois é através delas que se faz o contato com os caboclos. Assim, para cada entidade existe um conjunto de cantigas específicas. Porém, as cantigas não são criadas por pessoas que frequentam o jarê, mas são “trazidas” pelas próprias entidades através das pessoas durante a incorporação.

Durante a festa de jarê, as cantigas são puxadas seguindo uma ordem de convocação dos caboclos respeitando suas linhagens. Para cada linhagem são entoadas músicas de chegada, incorporação e despedida, as quais podem ser cantadas diversas vezes dentro do seu momento, mas não em outra situação.

O chamamento das linhagens de caboclo na festa de jarê se altera conforme casa e festa. Em uma festa para Iansã é de se esperar que ela seja saudada logo após Ogum, porém em outros contextos é a Aldeia d'Água que se apresenta primeiro. Assim temos Ogum, seguido dos caboclos da segunda linhagem que pertencem à Aldeia d'Água, como Marinheiro, Sereia, Iemanjá e Mãe d'Água. Depois chama-se por Iansã (ou Santa Bárbara) e Xangô. Essas entidades são sucedidas pelos caboclos da terceira linhagem que é a Força da Mata, considerados os mais bravios por serem caboclos de índios guerreiros, sendo eles os guardiões do terreiro. São caboclos da Força da Mata o Sultão das Matas, considerado o líder da linhagem, Eru, Tomba Morro, Índio, Oxóssi, Sete Serra

¹⁸ SENNA, R.; AGUIAR, I. *Jarê: instalação africana na Chapada Diamantina*. 1980. p. 81

¹⁹ BANAGGIA, G. *As forças do jarê, religião de matriz africana da Chapada Diamantina*. 2015, p. 140.

(caboclo de Pedro de Laura), Turco Leão, Jericó e Mineiro. Demos destaque a Sete Serra neste projeto por ser o caboclo de Pedro de Laura, que não voltou a ser incorporado desde a partida do curador. Há a linhagem do “povo velho” também referenciados como os nagôs: Nagô, Nanã, Oxalá, Balauê. Em alguns jarês, ao sair a linhagem dos velhos, é dado lugar à entrada da linhagem de Boiadeiro, que se manifesta no raiar do dia e se transforma no guia espiritual dos mortais. Por fim, são as crianças, representadas principalmente por Cosme e Damião, mas que também têm outras formas: Doum, Tapuia, Crispiniano e Crispim.

No final da festa de jarê, são cantadas as cantigas de despedida de todo o culto, sendo comum que essas serem músicas com pedidos para os que participaram, como proteção, orientação e felicidade.

As cantigas transcritas a seguir estão organizadas respeitando a ordem de anúncio dos caboclos na festa de jarê. Esta sequência difere um pouco das apresentadas pelos estudos de Ronaldo Senna e Gabriel Bannagia, mas segue a ordem que nos foi narrada pelas lideranças de Lençóis. Esperamos esse momento de escuta e leitura das cantigas proporcione uma experiência que te aproxime dessa religião afro-brasileira.



Ogum das águas claras
É vem acolá
Vem abrindo as estradas
Com seu batalhão real

Que barco é aquele
Ô que ê vem beirando o mar
Mas é o barco de Ogum
Carregado de orixá

Ó Deus, ó salve, Virgem
Rainha da vitória
Ó Deus, ó salve, aldeia
Aonde os caboclo mora

Quem pode mais é Deus
Jesus, Maria, José
Quem pode mais é Deus
Há de ser o que Deus quiser

Essa casa tem quatro cantos
Em cada canto uma janela
O Divino Espírito Santo
É quem toma conta dela

Quando eu andava, em um caminho
Eu só chamava por meu Deus
E tanto eu chamei por ele
Até que ele me valeu

Nada mais do que Deus, meu Deus
Só mesmo Deus, meus Deus
Seja por mim, meu Deus
Ajude eu, meu Deus

Dê força, meu pai, dê força
Dê força aos filhos teus
Dê força, meu pai, dê força
Cumprir a sina que Deus me deu

Ô Tomba Morro toma conta da porta
Ô toma conta meu pai Oxalá
ô Tomba Morro toma conta das estradas
Para os contrários não passar

Ô vamo incensar essa casa
Que o dono dela chegou
Ô vamo incensar essa casa
Que Ogum é curador

Quem sabe se Ogum foi pro debate
Quem sabe se Ogum foi guerrear
Me dê notícia de Sete-Serra, Jericó
O que é que houve lá na aldeia Cetroá



cantigas para Ogum

Portas abertas, casa incensada
Ogum de Lê, é coroadado
Senhor Ogum, vem cá, vem cá
Tá lhe chamando lá na aldeia Cetroá

Fala Ogum, fala Ogum-ê
Fala Ogum, seu Ogum tá no jarê

Ogum no seu cavalo branco
E com a sua espada de luz
Ogum, Ogum meu pai
Cubra teus filhos com o manto de Jesus
Ogum de Lê, meu pai

Ô narê, fala Ogum que é de Lê, leguedê
Fala Ogum que é de Lê, camurajô
Fala Ogum que é de Lê, leguedê

Ogum, ogum
Ouça a voz de quem voz chama
Ouça a voz de quem voz chama
Lá na aldeia de aruanda

Da torre da igreja, Ogum assobiou
Ogum abençoado, foi Jesus que abençoou
Ogum, Ogum, ê Ogum nunca faltou
Ogum foi dos primeiros que nessa casa
chegou

Seu Ogum Beira-Mar
O que é que trouxe de lá
Seu Ogum Beira-Mar
O que é que trouxe de lá
Mas ele veio, ele veio beirando a aldeia
Ele traz contigo o retrato de mamãe Sereia

Ô vamos bater palma na coroa de Ogum
Ogum venceu a guerra
Vamos todos, saravá

Eu sou Ogum
Não bebo nada
Só bebo água de sereno
Quando eu achava

Quem mexer com os filhos de Ogum
Morreu, morreu, morreu
Quem mexer com os filhos de Ogum
Morreu, morreu, perdeu

Senhor Ogum foi pra Itália
E Oxalá deu carta branca
Senhor Ogum foi para guerra
Senhor Ogum foi vencer demanda

Eu tenho minhas sete espadas
Pra me defender
Eu tenho Ogum na minha companhia
Ogum-ê, meu pai
Ogum-ê, meu guia
Ogum-ê, meu pai
Ogum abençoado o filho da Virgem Maria

Ogum é pai, é pai
Ogum não engana ninguém
Ogum é pai, é pai
Ele debate também

Ô, abre as estradas Ogum
A porta, Baluaê
Oxalá é quem manda
Santa Bárbara vem trazer

Ô meu senhor, Ogum
Ô meu senhor, Ogum de Lê
A estrela que mais brilha
Em Aruanda, aê

Aonde está, senhor Ogum
Aonde está que não me responde
Ele está em alta aldeia
Aonde mora o rei de congüê

Ô méje méje, de Ogum mejê-eá
Ogum mejê-eá

Ogum das sete espadas
Das sete espadas, meu Deus
Valei-me senhor Ogum
Valei-me Ogum, meu Deus

Onde está Ogum
Que eu venho te ajudar
Eu vou pra minha aldeia
Eu vou e torno voltar

Ô xá, de xaraxá
Ogum ê, Ogum á
Ô xá, de xaraxá
Senhor Ogum já veio do mar

Só Deus, só Deus
Só mesmo Deus
Com os filhos de Ogum
Só quem pode é Deus

Ogum debateu, debateu, debateu
Meu Deus, Ogum debateu
Ogum nunca tremeu, meu Deus

Esse caboclo é bom
É bom pra guerrear
No terreiro de Ogum
Quando a aldeia precisar

Ogum menino, Caiçara no lajedo
Aê, aê, Caiçara no lajedo

Sou eu, pai Ogum
Sou filho que não tenho medo

Eu não tropeço no caminho
Mas também não escorrego no lajedo

Ogum-inho veio, Ogum já veio do mar
Ogum-inho veio, Ogum, do pé da serra

Olha pro céu, filho
Que Deus é um bom pai
Quem é filho de Ogum
Ê, balança mas não cai

Ô, gira-ê, giranda
Corta a língua desse povo falador
Na minha espada eu não tenho embaraço
Me chamo Ogum de Lê
E o meu peito é de aço

Saravá, saravá
Ô viva, meu pai Oxalá
Saravá, saravá
Ô viva Ogum, que ele veio vadiar

Ogum de Lê
Qué, qué, qué, cereuá
Ogum de Lê
Qué, qué, qué, maiongá

Ogum pisou na pedra
A pedra balanceou
O mundo tava virado
Santo Antônio endireitou

Seu Ogum de ronda, ele vem rondar
Seu Ogum de ronda, ele vem rondar
Ô ele não faz ronda
Ele veio olhar olhar

Ogum correu da cutela caiu na curela
Ogum de Lê
Ogum correu da cutela caiu na curela
Ogum de Lê

Ogum é rei dos ares
Ele é iolodê
Ogum é rei dos ares
Ele é iolodê

Quando Oxalá partiu pra guerra
Ogum tomou conta do lugar
Olha teus filhos no terreiro Ogunhê
Não deixa seus filhos sofrer

Ogum já vai embora, ô gente
Vai no balanço do vento, ô gente

Caboclo já vai embora
Já vai pra pedra do ouro
Vai buscar o caboclo
Que não engole desaforo



cantigas para Aldeia d'Água

Louvores a Deus, ô viva Nossa Senhora
Ô viva, a nossa Aldeia d'Água

Marinheiro

Puxa a linha Marinheiro
Marinheiro marinho
Puxa a linha Marinheiro
Marinheiro marinho

Puxa a linha Marinheiro
Marinheiro marinho
Essa corrente é pesada
É do caboclo marinho

Eu sou Marinheiro, meu pai eu sei nadar
Eu vou buscar meu barco no lado de lá

Eu sou Marinheiro
Eu tenho meu braço forte
Eu sou Marinheiro
Do Rio Grande do Norte

Marinheiro da Vila Velha
Eu vi sofrer

Marinheiro da Vila Velha
Eu vi sofrer
Se não fosse Marinheiro
Que seria de você

Ô Santa Rita Pescadeira
Tomaram meu anzol
Tomaram meu anzol
Eu vou pescar no mar

Oê lagoa, pra quê encheu agora
Pra quê encheu agora, oê lagoa

Puxa a corrente do mar, Marinheiro
Puxa a corrente do mar, Marinheiro
Marinheiro, Marinheiro
Eu vim vadiar no terreiro

Nadador, nadador
Se tu é leal eu quero saber
Nadador, nadador
Pisa no ouro que eu quero ver

Marinheiro, Marinheiro
Quem te deu esse navio

Ó foi meu pai Ogum, ô lá na beira do rio

Eu tava na beira de um rio
Quando vi a maleta bater
Eu nadei, ê nada
Mas eu vi a maleta

Quem nunca viu venha ver
Marinheiro pisar no ouro
Marinheiro pisar no ouro
Marinheiro pisar no ouro

Eu também sei nadar
Eu também sei nadar no mar
Eu também sei, também sei
Também sei nadar

Oê quem balança o mar
Oê quem balança o mar
Oê marinho
Oê quem balança o mar

Ligeiro Marinheiro, ligeiro nadador
Ligeiro Marinheiro, sua aldeia
embalçou

Seu Marinheiro, não me faz assim
Ô embalça o mar, ô traz o Rei Marinho

Eu tava na beira do rio
Eu vi a Sete-Estrela passar
Ô morê, morê, ô morê morá
Ô morê, morê, morá

Ê nadador
Mamãe joga o barco na água
Mamãe joga o barco na água
Que o barco é de lemanjá

Eu vou vestir de branco
Uma calça de funil?

Eu vou pegar meu peixe
É no balanço do navio

Martin vem ver
Martin vem cá
Martin vem ver
a sua aldeia como está

Martin pescador que vida essa sua
É bebendo cachaça e caindo na rua
Eu bebo sim eu bebo por alguém
Eu bebo com meu dinheiro
Não é da conta de ninguém

Seu Marinheiro, é hora
É hora de nós viajar
É no céu, é mar, é terra
Seu Marinheiro olha o balanço do mar

Seu Marinheiro, é hora
É hora de nós viajar
É nas águas, ó que beleza
Dona Sereia mandou me chamar

Mãe d'Água

Ô Mãe d'Água sai do poço
Ô Mãe d'Água orixá
Essa Mãe d'Água é de ouro
Ela só vem vadiar

Chegou a Mãe d'Água, chegou
Chegou a Mãe d'Água, Sereia
Chegou a Mãe d'Água, chegou
Mais o Peixe Marinho, é Baleia

A Mãe d'Água tem, tem sua morada
A morada dela é nos olhos d'água

Ô Mãe d'Água, ô Mãe d'Água
Mãe d'Água cabelo louro

Ô Mãe d'Água, ô Mãe d'Água
Ô Mãe d'Águinha do forte do mar
Puxa areia, puxa areia

A Mãe d'Água tem, a Mãe d'Água me dá
Um laço de fita pra eu vadiar

Tomara que chova logo
Tomara que não deixe de chover
Para chover água de cheiro
Nos pés de meu pai Baluaê

Mãe d'Água rainha das águas sereia do mar
Mãe d'Água seu canto é bonito quando
vem do mar

Como é lindo o canto de lemanjá
Faz até os pescador chorar
Quem escuta Mãe d'Água cantar
Vai com ela pro fundo do mar
lemanjá!

Mãe d'Água é rica, é rica
Mãe d'Água tem cabedá
Mãe d'Água paga dinheiro
Para ver Dois Dois vadiar

Ô brinca Mãe d'Água vadeia Sereia
Chegou os caboclos de aldeia
Ô brinca Mãe d'Água vadeia Sereia
Chegou os caboclos de aldeia

Ô Mãe d'Água
Ô princesa do mar
Solta seus cabelos
Deixa o barco navegar

Eu já vou embora eu não posso demorar
Deixei minha vela acesa na praia do mar

Sereia

Eu sou Sereia, Sereia
Ô minha gente venha ver, a Sereia a vadiar

Eu estava no meio do mar
Quando ouvi uma voz me chamar
Eu estava sentado em uma pedra
Ouvi a voz do caboclo Sete-Serra

Eu sou Sereia minha mãe passeia
Vivo navegando pelas ondas do mar
Eu sou Sereia
Vivo navegando pelas ondas do mar

Mamãe serei-ci, mamãe Sereia
Ai, ai, meu Deus, mamãe Sereia do mar

Ô, Sereia, você hoje cai n'água
Você tem Baluaê, você tem Mãe d'Água
Saia do mar, minha Sereia
Saia do mar, vem brincar na areia

Ô Sereia
As ondas do mar tá de fora
As ondas do mar balanceia
Eu quero ver sereia agora

Quando eu saí do meu mar
Eu louvei Maria
Louvei meu pai Sete-Serra
E Nossa Senhora da Guia

Por cima do mar azul, eu avistei uma sereia
Por cima do mar azul, eu avistei uma sereia
Eu avistei a Janaína
Dos milagres das candeias
Ê, ê, á, sereia no mar, Sereia

Ô, rê, rê, bate couro na aldeia
Ô, rê, rê, bate palma pra Sereia

Bate palma pra Sereia que ela veio do mar
Ela veio de longe, ela veio saravá

No fundo do mar
Eu tenho uma pedra
Quem fizer mal pra mim
Eu tenho meu pai Sete-Serra

No mar tem água
No fundo tem areia
Não mexa nesse poço
Que esse poço é de sereia

Eu sou Sereia
Moro na pedra redonda
Cheguei agora que mandaram me chamar
Ó filho, venha receber
A tua herança que mandaram te entregar
Mas ela já se foi
Até um dia quando eu encontrar
Ó filho, venha receber
A tua herança que mandaram te entregar

Naquele mar tem uma pedra
Debaixo dela mora uma sereia bela
Eu ouvi o grito dessa sereia
Saia do mar sereia bela

Ô, eu já vou, já vou, já
Vou-me embora pro lado de lá
Vou-me embora pro lado de lá
Senhor do Bonfim é quem vai me levar

Tupi-Mergulhão

Arrodeia a serra do rio ribeirão
Arrodeia a serra do rio ribeirão
Caboclo d'água é Tupi-Mergulhão

Janaína

Trovão roncou no mar
Relâmpago clareou
Caô, meu pai Xangô
Ô você traz Dona Janaína
Sou eu, princesa, chegou a baronesa
Sou eu, princesa
Vamos saudar nosso Deus de grandeza

Branca de Neve, cadê Janaína
Mas ela é rainha do mar
Cadê aquela menina

Iemanjá é minha mãe
É mãe jarê
Mora lá no poço fundo
É mãe jarê

Eu tava na beira do rio
Eu vi a Sete-Estrela passar
É Janaína do mar Espanha
Ela é princesa dos orixás

Ô Ína, Jocina, ô Ína Marajô
Ô Ína, Jocina
Meu relâmpago é na lua

Ô Ína vem me ver
Jocina vem olhar
Odé de Lê manda recado
Reparrê, sou Iemanjá

Iemanjá, é coroada
É coroada, Iemanjá
É coroada

Ô meu pai
O que é que houve na aldeia
E ô meu pai
Por que tá mandando me chamar

Quem quiser ver Iemanjá
Quem quiser ver Iemanjá
Joga flor n'água amanhã
Joga flor n'água amanhã

Mas eu tava na beira do rio
Quando minha joia perdeu
Eu vou buscar a minha joia
Que Peixe Dourado me deu

Ô, Dona Janaína
Princesa do mar
Ô, quem governa as águas
É caboclo de amaiçã

E olha, olha alu belô
E olha, olha alu belô

Quando eu entrei nas águas
Minha pedra rolou
Quando eu entrei nas águas
Meu Deus olha alu Belô



cantigas para *Iansã e Santa Bárbara*

Oxumarê é luz
É luz, é luz, é luz do mar
Oxumarê é luz
É luz, é luz, é luz do mar

Oxumarê, mora no mar
Ela vem nos ares
Quando o arco-íris
Bebe água aqui na baixa

Oxumarê felocã
É babá é felocã
Oxumarê felocã
É babá é felocã

Flores e mais flores
Sou eu, rainha das flores
Flores e mais flores
Sou eu, rainha das flores

Iansã de Deus
Iansã Oiá
Iansã de Deus
Rainha do mar

Santa Bárbara Virgem
Ela mora no Mar de Sé
Ela é mãe da pobreza
É dona de candomblé

Santa Bárbara Virgem
Venha me valer
Que os inimigos querem convencer
Mas não convencem não porque Jesus não quer
Santa Bárbara Virgem
Rainha de candomblé

Santa Bárbara Virgem, ô mãe, manhê
Ô venha me valer, ô mãe, manhê
Ô pelo amor de Deus, ô mãe, manhê
Ô venha me socorrer, ô mãe, manhê

Amirô, amirôé
Santa Bárbara Virgem
Rainha de candomblé

Santa Bárbara é mãe, minha mãe
É luz do mar, minha mãe
Chega no terreiro, minha mãe
Pra vadiar

Santa Bárbara de Xangô
Que acompanha São Domingos
São Domingos é um nagô
É um nagô tão ligeiro
Que do ribeirão chegou

Santa Bárbara é mãe, mamãe
É Luz do mar, mamãe
Chega no terreiro, mamãe
Pra vadiar

Sou eu, princesa
Sou eu, Oiá
Sou eu, princesa
Sou dona de canzuá

Sou eu, princesa
Chegou a baronesa
Sou eu, princesa
Vamos saudar o nosso Deus de grandeza

Eu tava na ladeira sem poder descer
Santa Bárbara Virgem venha me valer

Chegou minha Santa Bárbara
De Oiá, aê
Chegou minha Santa Bárbara
De Ogum Dererê

Santa Bárbara é rainha
Rainha dos orixás
Valei-me minha Santa Bárbara
Aqui hoje e em todo lugar

Santa Bárbara acendeu
Uma luz no seu terreiro
Clareou mãe
Clareou o mundo inteiro

É ouro Santa Bárbara, é ouro
É ouro, eu cheguei de mina
É ouro Santa Bárbara, é ouro
Eu vivo na macumba
Pra cumprir a minha sina

Chegou Santa Bárbara
De mina, mineira
Me dê minha saia
Que eu sou curandeira

Eu sou Santa Bárbara
Eu só ando é só

Chegou Santa Bárbara
Relâmpago é de caracol

Santa Bárbara mora no céu
Janaína mora no mar
A coroa de Santa Bárbara
Clareia o mundo geral
Ai, ai, meu Deus
Mas a dona do mar sou eu
Ai, ai, meu Deus
Mas a dona do mar sou eu

Santa Bárbara desceu do céu
Com o cálice e a espada na mão
Debatendo com os inimigos, Santa Bárbara
Vós não tens medo não
Vós não tens medo não, Santa Bárbara
Vós não tens medo não

Eu tava na ponta da pedra
Bebendo água e aparando trovão
Clareou, clareou, Santa Bárbara clareou

Eu vi Santa Bárbara na boca da mata
Vestida de branco, coroa de prata

Santa Bárbara é zona
É zona, é zona
Ela é zona de braço forte
É zona

Ô minha Santa Bárbara
Eu tava na pedra do ouro
Eu vi a voz chamando
Ô é Santa Bárbara

Santa Bárbara Virgem
Rainha do mar
Ela é dona do tesouro
Ela é dona do altar
Ele é curadeira
Ela vem curar

Chegou Oiá de Deus, orobó bocumbalê
Oiá de Deus, orobó edê iabá boco bolê

É loira, é loira
Santa Bárbara é loira
Quando eu vim de Aruanda
Santa Bárbara é loira

É ô lelelê, elu
Se no mar tem água, elu
Eu tô com meu braço forte, elu
Eu quero nadar, elu

Iansã é uma moça bonita
Ela é dona de seu jacutá
Iansã é uma moça bonita
Ela é dona de seu jacutá
Hepa-hê, hepa-hê, hepa-hê
Ela é mãe de Aruanda
Segura a umbanda, que eu quero ver
Hepa-hê

Por cima de uma pedra
No tombar de uma cachoeira
Desci com mamãe Iansã
Pra ver a falsidade
No pé de uma pedreira

Santa Bárbara é de fogo, é de fogo, é
Procura Santa Bárbara se é, se é

Iansã tem um leque de pena
Pra se abanar nos dias de calor
Iansã mora na pedreira
Eu quero ver meu pai Xangô

Italiana, italiana
Italiana é mamãe Santa Bárbara
Italiana, italiana
Ela chegou na maleta d'água

Santa Bárbara vai embora
Ô pro reinado eu sei que vou
Mas eu vou pra três colunas
Eu vou pra aldeia pro redevô

Quando a princesa for
Lá pras ondas do mar
Meus filhos estão dizendo
Lá vai mamãe lansã, Oiá

Italiano

Italiano da Itália
Sabe ler, sabe escrever
Sabe ler, sabe escrever
Sabe ler

Italiano, Italiano
Italiano e mamãe Santa Bárbara
Italiano, Italiano
Ele chegou na maleta d'água

Italiano não une com inglês
Italiano não une com Japão
Italiano só acredita
Naquilo que tá na mão

Chegou senhor Xangô
Foi Santa Bárbara quem mandou

Eu ia passando
Eu não ia chegar
Eu ouvi a voz foi de lansã
Rompe Xangô você é o rei dos orixás

Eu sou rei dos ares
O meu nome é São Jerônimo
Eu sou rei dos trovões, eia
Meu nome é Xangô Deí
Ô Deí, ô Deí
Xangô Deí

Caminhei, caminharei
Caminhei, caminhará
Caminhei sessenta léguas
Pra chegar no canzuá
O senhor parece escouro
Que o Expedito ê vem aí
O Expedito vem cantando
Caô cabileci

Ô caô, caô, caô, ô meu senhor
Louvado seja, meu senhor
Senhor Xangô
Nesse terreiro chegou

Ô, lá no alto daquela pedreira
Eu vi o grito de Ari Xangô
Caô, caô, caô, cabiecilê

Pisa pilão rei, rei Xangô
Pisa pilão rei Xangô é

Xangô de ouro, Xangô de prata
Aqui chegou Xangô, meu Deus
De madrugada

Pedra rolou pra Xangô
Lá na pedreira
Segura os couro meu pai
Lá em Cachoeira
Eu tenho o corpo fechado
Xangô é meu protetor
Segura os couro meus filhos
Pai de terreiro chegou

Xangô não é meu, é de Oiá
Eu mandei pra Bahia, assentar
Eu mandei pagodô pra levantar
Mas Xangô não é meu, é de Oiá

Xangô é meu, Xangô
Xangô é Baluaê
Xangô também veio do mar
Xangô também veio valer

Orerê, orerê, orerê oê nagô
Relâmpago é pra lansã
Trovão é pra mim Xangô
Ai, ai, ai, meu Xangô é de pena, meu Deus
Ai, ai, ai, meu Xangô é de pena, meu Deus

Ai, ai, ai, meu Xangô é de fogo, meu Deus
Ai, ai, ai, meu Xangô é de fogo, meu Deus

Xangô está na hora, que o vapor assobiou
Xangô está na hora, que o vapor assobiou
Você não conhece a chamada de xangotô

Quando Oiá falou
Que Xangô gemeu
O povo desta casa, Oiá, Oiá
Todo se tremeu
Oiá, Oiá
Oiá de Deus

Caô Xangô
Acaxo bixobi-lê
Oía babaia



cantigas para *Xangô e São Sebastião*

Gritou lá na mata
Pra quem é de Xangô
A machada tem dois cortes
Pra quem é de Xangô
A bando-ê, a bando-á
Filho de umbanda não cai
Para quem é filho de Xangô

Trovão roncou no mar
Relâmpago clareou
Caô, meu pai Xangô
Força de Deus aqui chegou

Trovão roncou no mar
Relâmpago clareou

Acaxo bixobi-lê
Xangô já vai embora
Vai pra sua cidade lá no juremá
Um abraço para os que aqui deixa
Embora com saudade ele vai orar
Adeus, adeus, até um dia quando ele voltar

Ó meu São Sebastião
Sua espada está no mar
Tá cravada numa pedra
Só Jesus para arrancar

Ô meu pai, ô minha mãe
Sou eu, São Sebastião
Não deixa eu cair no chão

—
São Sebastião é d'água
Ele é d'água, ele é d'água

—
São Jorge na porta bateu
São Jorge na porta bateu
Passei a mão na fenda para ver quem é
É São Sebastião, guerreiro de umbanda
Ele é rei, é rei

Tava na aldeia de jacuritá
Tava na aldeia de jacuritá
Pra que meu Deus, pra que meu Deus
Pra que mandou me chamar

—
Eu vinha de jacuritamba
Passei pelo jacuritá
Chamei três curimbeiros
Que eu vinha aqui sambar
Segura o samba meus curimba
Segura o samba que eu vim sambar

—
Eu estava no meio do mar
Mas quando ouvi uma voz me chamar
Eu estava sentado em uma pedra
Ouvi a voz do caboclo Sete-Serra

—
Pisa no chão devagar
Você pisa no chão devagarinho
Pisa no chão devagar
Você pisa no chão devagarinho

—
Boa noite meus senhores
E também minhas senhoras
Deus abençoe esse caboclo
Por Santa Virgem da Vitória

—
Boa noite meus senhores
General e Capitão
Deus abençoe esse caboclo
Que ele é rei de batalhão

—
Não tenho pai, não tenho mãe
Mas o que é que eu vou fazer
Só tenho por mim Jesus
E o velho Baluaê

—
Não tenho pai, não tenho mãe
Ê, lá nas matas eu me criei
Com a idade de doze anos
Meu pai era africano

Que sina trouxe eu
Ele é o caboclo da macumba
Ele é o caboclo macumbeiro
Ele sabe a macumba onde está, ê
Se me pagar a macumba eu vou buscar

—
Ô mãe onde é que eu me escondo
Ô mãe, o que é que eu vou fazer
Ô mãe, cadê minha samambaia, minha mãe
Para me esconder para a onça não me ver

—
E olha a palha do coqueiro, olha lá
Se meu caboclo for embora eu vou buscar
Olha aê, olha lá
Se meu caboclo for embora eu vou buscar

—
Ô, mãe, eu vou para a mata
Vou à procura de uma moita de espim
Ô mãe, me ajuda a me esconder
Minha mãe
Tem feiticeiro procurando por mim
Joguei minha flecha para cima
Não sei onde ela foi cair
Ela caiu numa aldeia tão longe, minha mãe
Aldeia longe, aldeia dos cariri

—
Nunca atirei a minha flecha
Nunca atirei pra não ver cair
Eu joguei minha flecha pra cima
E acertei uma juriti

—
Ogum é meu, Ogum é meu
Ogum é meu, foi meu pai que me deu
Ogum é meu

—
Eu bem disse camarada, que eu vinha
Na sua aldeia, camarada, um dia

—
Ô meus caboclos veio
Veio, veio, veio
Ô meus caboclos veio



cantigas para *Sete Serra e as Forças da Mata*

Sou filho da macumba
Não posso negar
Sou filho da macumba
Não nego meu naturá

—
Sou filho da macumba
Sou filho de macumbê
Sou filho da macumba
Sou neto do jarê

De quem é, de quem é
De quem é que eu vou ter medo
Mas se eu sou feito da macumba
De quem é que eu vou ter medo
Ô que caboclo é esse
Que chegou até aqui
Caboclo da mata bruta
Da mata do cangoji

Comer fruta no Pará-ê
Aldeia tava fechada
Meu deus que caboblo é
Aldeia de caboclo brabo
Ô é reré

Passeando pela mata da macumba
Como vai, como passou, seu moço
Deus que lhe dê boa noite, seu moço
Deus que lhe dê boa noite, camarada

Pegue esse boi, calunga
Amarra no mangueiro, calunga
Tira o couro dele, calunga
Pra fazer pandeiro, calunga

Você matou seu pai, calunga
Mas não mata o meu, calunga
Olha lá seus filhos-de-santo, calunga
Pra não se atrapalhar, calunga

Ó o rei, ó o rei, ó o rei de Napoleão
Quem foi que matou a baleia
Foi o mesmo que matou o dragão
Ô viva, viva o rei, viva o rei de Napoleão

Esse caboclo é duque
É duque da mata
Esse caboclo é duque, meu Deus
Ele tem penacho

Eu andava em um caminho
Encontrei com três judeus
Meu Jesus que povo é esse
Jesus me arrespondeu
Caboclo duque da mata
São Judas de fariseu

Deus que lhe dê boa paz
Jesus que me dê boa luz
Nós sabemos o dia de hoje, meus irmãos

E amanhã só quem sabe é Jesus
A galha do pau caiu
Com o peso dos orixás
Tenha fé em Deus, orixá
Caiu, torna a levantar

Sou eu, Sete Serra
Eu tiro pemba em aroeira
Sou eu meu pai
Minha morada é em cachoeira

Onde está seu Sete Serra
Aê abaeçá
Eu tava no caminho da jutaia
Esperando rei de Ogum passar

Eu tava no meio do mar
Mas quando eu vi uma voz me chamar
Eu tava sentado em uma pedra
Eu vi a voz do caboclo Sete Serra

Ô zum, zum, zum, zoou na aldeia
Ô zum, zum, zum
Na aldeia de caboclo brabo

Eu sou um caboclo que moro nas matas
Sou companheiro de sultão das Matas

Eu já vou embora
Lá pra marojia
Meu pai Sete Serra
Segura na sua filha

Índio

Chefe dos índios chama os índios na aldeia
Chefe dos índios chama os índios na aldeia
Na aldeia, caboclo, na aldeia
Na aldeia, caboclo, na aldeia

Ô êra, ô êra, ô êra
Seu rei das flores passou por aqui
Ô êra, ô êra, ô êra
Quem foi que trouxe índio bravo pro Peji

Chegou Índio da mata dos cangojis
Cheguei agora eu vi as penas sacudir
Chegou Índio da mata da juremeira
Eu sou um caboclo
Que só ando é nas carreira

Ó Índio ê, ó Índio á
Chegou da mata bruta
Com todos seus orixás

Caboclo da mata o que é que come
Folha verde de guiné
Se não achar a folha verde
Come a folha que tiver

Tupinambá é índio
Tupinambá não erra
Tupinambá é índio
Ele é vencedor de guerra

Tupinambá chegou, Tupinambá chegou
Tupinambá chegou da torre de Babilônia
Da torre de Babilônia

Caboclo índio eu sou pelegriño
Cobra coral, eu sou filho teu
Mas toca fogo na areia do mar
Caboclo índio ele veio vadiar

Ô uma nuvem roxa
Derramou água no mar
Ô graças a Deus
Chegou eu Tupinambá

Tupinambá é o rei da aurora
Sou eu Tupinambá
Que cheguei na aldeia agora

Quando eu entrei nas matas
Meu Deus pra onde eu vou
Vou em procura do meu pai Eru
Que ele é meu protetor

Eu já vou embora
Minha morada não é essa
Eu já vou embora
Minha morada é na floresta

Eru

Eru, Eru, ô Eru trabalha bem
Eru trabalha na macumba
Nas horas de Deus, amém
Pai, divino espírito santo
Nas horas de Deus amém
Ô deixa eu me benzer primeiro
Pra livrar de algo, porém

Caboclo Eru, olha ele, olha ele
Caboclo Eru olha ele olha lá
Com as santas forças
Não tem nó que não desata
E o nó que eu dei só Jesus pra desatar

Eru turrou na mata, o povo se assustou
Aê, Eru, Eru da mata eu sou

Eru não conhece gente
Eru só conhece mato
Eru, Eru, ô Eru é caboclo bravo

Caboclo Eru, no Brasil ele é guerreiro
Caboclo Eru, no Brasil ele é guerreiro
Ele é malcriado, pra quem bole com ele
Ele é malcriado, pra quem bole com ele

O samba de Eru é pesado
É pesado, é pesado

Ô samba Eru, êá,
O samba do mato é bom

Eu sou caboclo Eru, eu vim obedecer
Eu sou caboclo Eru, eu moro é no massapê

Adeus, adeus, adeus pátria, adeus
O céu é luz, adeus pátria, adeus

Sultão das Matas

Aê, boca da mata
Ô deixa os caboclos passar
Aê, boca da mata
Pra ele poder sarava

Olha eu
Olha Bom Jesus da Lapa
Olha Bom Jesus da Lapa
Chegou eu Sultão das Matas

Quando eu vinha da minha aldeia
E arrastava minhas percatas
Na chegada dessa casa
Caboclo velho é Sultão das Matas

Auê, auê, Sultão das Matas
Sultão quem lhe chamou foi eu
A onça só teve de medo
Foi do gemido que o Sultão deu

Quando eu andava em um caminho
Eu encontrei com Nossa Senhora
Aê, pai-de-santo
Sultão das Matas chegou agora
Eu sou um caboclo que moro nas matas
Ô eu me chamo é Sultão das Matas

Sultão, Sultão
Mas o rei dos caboclos é Sultão
Sultão, Sultão
Não tem medo de pisar no chão

Meu leão gemeu gemeu
Meu leão roncou roncou
Apruma rapaziada
Sultão das matas chegou
Meu sultão quando ele chega
A mata toda estremece
A pedra do morro desce
Caboclo ele é quem esmorece

Sultão da Mata não tem roupa
Sultão da Mata só anda é nu
Sultão da Mata não tem panela
Sultão da Mata só come é cru

Eu mato sem fazer sangue
Engulo sem mastigar
Me chamo Sultão das Matas
Não nego meu natural

Sultão ê, meu pai
Sultão veio vadiar
Sultão da boca da mata
Ele é o rei dos orixás

Mata fechada, mata fechada
Ê naquela mata é minha morada

Sultão da Mata matou um passo de pena
Sultão da Mata matou um passo de pena
Ê, ê, ê, lá na aldeia da jurema
Ê, ê, ê, lá na aldeia da jurema

Na minha aldeia tem cobra preta
Na minha aldeia tem jaracuçu
Eu botei o meu joelho no chão
Dei um grito bem alto na chegada de Sultão

Sultão das Matas é meu
Amigo oiá
Eu sem sultão das matas
Eu não posso trabalhar

Sultão da Mata verde
Ê, ê, ê, ê, ê, á
Sultão da Mata verde
Ê, ê, ê, reparrê mata pesada
Quando os passo canta
Que a manda chora
Quando os passo canta
É caboclo que já vai embora

Gentio

Gentio da minha aldeia
Vem brincar mais eu
Nas horas de Deus
Quem chamou Gentio foi eu

Gentio, meu irmão
Camarada meu
Sai da tua aldeia
E vem brincar mais eu
Eu sou um caboclo de opinião
Eu sou Gentio guerreiro
De bom coração

Gentio da mata bruta vai buscar sua corrente
Está desconfiado porque está no meio de gente
Ô Gentio não tenha vergonha não
Aqui é casa de santo não é brincadeira não

E ô, Gentio
Tanto que eu te chamo que
demora é essa
Ô, meu pai
Mas eu tava no mato
jogando flecha

Gentio, Gentio, Gentio
Chegou Gentio foi da mata de Angola
Gentio, Gentio, Gentio
Com a fé em Deus seu Gentio chegou agora

Ai ai meu Deus

Cheguei na aldeia do meu Gentio
Não tenha medo daquela mata fechada
Sou Caboclo das estradas
Eu cheguei aqui

Sou Gentio, sou gentiler
Sou Gentio, sou gentiler
Ai, ai, ai
Sou Gentio da manda chora
Sou Gentio da manda chora

Sou Gentio, sou Gentio, sou Gentio
Eu sou Gentio minha mãe vim vadiar
Eu sou Gentio
Acompanhado de Alemanha, mamãe
Sou Gentio, sou Gentio, vim vadiar

Eu vim aqui hoje
Vim matar minha cegueira
Eu sou caboclo bravo
Sou Gentio de capoeira

No fundo do mar
Tem uma fonte bela
Aonde o rei Gentio
Bebe água nela

Ô Gentio vai buscar a sua flecha
Ô meu pai, se eu for lá Sultão me pega

Passa a nuvem
Torna a passar
Clareia as estradas
Que é hora de eu viajar

Jurema

Ê, juremeira, ê, juremá
A folha caiu serena, Jurema
Dentro desse conga

Ô juremeira, ô juremá

Com a casca da jurema
Juremeira, juremá

Ô, Jurema de cá, Ô, Jurema de lá
É, Juremeira, é Juremeira

Eu vou beber minha jurema,
dê no que der
Lá no pé da juremeira,
dê no que der
A jurema é boa, dê no que der
Eu vou beber minha jurema, dê no que der

É coco no ar, é coco no chão
É juremeira, é juremeira!

Meu irmão, vou lhe pedir
Vós queirais me perdoar
A jurema do peji, ô meu irmão
Vós dais um pouco esse orixá

Caboclo bebeu jurema
Caboclo se embriagou
Com a folha do mesmo pau
Caboclo se levantou

Ê Jurema, é o pau que não bambeia
É o pau que não bambeia, Jurema
Aqui nessa aldeia

Ô flor, que tanto cheira
Mas é a flor, meu Deus, da juremeira

Seu Juremeira, aonde vai
Eu vou pra minha terra
Seu Juremeira, espera eu
Que eu vou vencer a guerra

Adeus, surpresa
Rainha das Flor
Quando você for
Me leva que eu também vou

Turco Leão

Leão, é turco
Leão é vencedor
Leão é rei das feras
Mora no jardim das flor

Puxa na linha do Turco Leão
Ê, vem, ê, vem
Puxa na linha do Turco Leão
Ê, vem, ê, vem

Ô Leão, ô Leão
Meu pai é rei Leão
E você, Rei dos Leão
Eu já me embora, eu não posso demorar
Meu pai tá me chamando
Ô lá no forte do mar

Mineiro

Quando a aldeia mineira chegar
Ai, ai, meu Deus
Ai, ai, meu Deus
Quando a aldeia mineira chegar

Ô, Mineirinho, ô, mineirá
Eu venho de longe terra
Da aldeia do lajeá

Ô Mineiro, ô, Mineiro
Ô Mineiro da lavra sou eu
Ô Mineiro, ô, Mineiro
Ô Mineiro da lavra chegou eu

Ô pedra, ô pedra, ô pedra
Aquela pedra ela é meu guia
Ô pedra, ô pedra, ô pedra
Aquela pedra que o Mineiro queria

Ô pedra, ô pedra, ô pedra
Aquela pedra é pra nós curá

Ô pedra, ô pedra, ô pedra
Aquela pedra é de Oxalá
Eu sou Mineiro
Eu sou de luz
Eu vim da Lapa
De bom Jesus

Eu sou um caboclo de Minas
Eu venho de Minas Gerais
Aqui não é terra de Aruanda
Em Aruanda só se anda devagar

Ô, Mineiro, ô, Mineiro
Ô Mineiro paragadá
Sou caboclo, sou Mineiro
Ô Mineiro paragadá

Olha onde você pisa, caboclo
Olha sua pisada, caboclo
Deus guia seus passos pra frente, caboclo
Olha sua pisada, caboclo

Ô Mineiro tremeu, tremeu
Ô Mineiro tremeu, meu Deus
Ô Mineiro tremeu, tremeu
Chegou nas horas de Deus

Eu sou de mina
Eu sou de mina
Eu sou de mina
De Minas Gerais
Eu sou de mina

Mineiro estava na serra
O barranco desmoronou
Mineiro chama seu povo
Que mineiro é curador

A aldeia me chama não posso faltar
Cadê meu pai-de-santo nesse canzuá
Eu vou furar meu peito com a lança fina
E aparar meu sangue com a mão divina

Eu já vou, já vou
eu já vou pra lá
eu já vou meu pai de santo
eu já vou me arretirar

Oxóssi

Ê vem Oxóssi, com seu cavalo
Com sua lança e a sua espada na mão
Com seu penacho, deixa correr
Vamos saravá Ogum de Lê

Oxóssi rompe mata
Fura abelha e bebe mel
você não brinca com Oxóssi
que não sabe ele quem é

Oxóssi é maiongá, ae ae maiongá
Oxóssi é maiongá, ae ae maiongá
É de cetroá, maiongá
Ae ae maiongá

Oxóssi foi pra mata
A mata embalanceia
Oxóssi volta alegre
Quando a capanga vem cheia

Oxóssi matou um boi
Na porteira do curral
Olha lá, olha lá
Venha ver seus orixás

Oxóssi é, Oxóssi é o que
Oxóssi é, Oxóssi é o que
Salve a lua nova
Salve o arerê
Salve a lua nova
Salve o arerê

Senhor Oxóssi eu atirei na areia
Senhor Oxóssi eu atirei na areia
Atirei na areia, atirei na areia

Atira, atira, atira
Eu atirei pro ar
Atira, atira, atira
Eu atirei pro ar
Eu atirei senhor Oxóssi
Mas não foi para matar

Ô lico tico, lico tico, lico tico é
Quem quiser pegar caça
Vai armar mundé

Quem manda no mato é Oxóssi
Oxossi é caçador, Oxóssi é caçador

Eu vi meu pai assoviar
Eu mandei chamar
É em Aruanda, ê, é em Aruanda, á
Sou pena verde da umbanda
É em Aruanda

Nas minhas matas tem caboclo
Nas minhas matas tem cachoeira
No meu saio te tem penas douradas
Meu capacete brilhou na alvorada

Não toca fogo na mata
Na mata tem morador
De lá da mata chegou
Oxóssi velho curador

Ê Oxóssi onde é sua morada
Eu moro é na mata bruta
Naquela mata fechada

Oxóssi é rei das matas
É Oxóssi
Oxóssi é um caçador
É Oxóssi

Jericó

Que povo é esse
Ô, que mandaram me chamar
Mas é o povo dessa casa
É o meus irmãos
Meus amigos leá

Eu passeava em tão bela aldeia
Eu passeava em tão bela rua
Ô, que beleza
Seu Jericó no clarão da lua

Ô, lua
Que noite bela
Eu só queria
Conversar com ela

Ô, lua, eu vi a lua
Ô, que moça bela
Ô, lua, eu vi a lua
Eu conversei com ela

Jericó velho, boiadeiro
Meu pai tenha pena de mim
Mas eu vim pela mata de flor
Ô, valei-me, Senhor do Bonfim

Na pancada do couro, eu vim
Na pancada do couro, eu vou embora

Tomba Morro

Ô lua nova que clareia o oriente
Ô lua nova que clareia os Orixás
Ô lua nova que clareia essa casa
Ô lua nova que eu preciso trabalhar

A cancela bateu, quem vem lá
É Tomba Morro, meu Deus
A cancela bateu, quem vem lá
É Tomba Morro, valha-me Deus

Tomba Morro onde você mora
Eu moro é no pé da serra
Ô quando precisar de mim me chama
Que eu venho vencer a guerra

Eu me chamo é Tomba Morro
Eu não sou de brincadeira
Eu vou tombar as minhas pedras
Lá no pé da cachoeira

Meu pai eu vou te pedir
Com a dor no coração
Tomba Morro ê vem aí
Eu não quero ele aqui não

Tomba Morro mora, no pé da serra
No pé da serra, meu Deus
Tomba Morro mora

Ô, vamos tombar o morro
Ô, vamos tombar o morro
De cabeça para baixo
As água levam

Eu já tombei, mandei tombar
As pedras finas no meio do mar
Eu já tombei, mandei tombar
As pedras finas no meio do mar

Oê Tomba Morro
Vós espia quem vem lá, Tomba Morro

Por cima daquele morro
Só vejo pedra rolar
Debaixo daquele morro
Só vejo cobra piar

Deus lhe dê boa viagem
Deus lhe dê boa viagem
Nas ondas do mar sagrado
Eu não digo o meu nome
Eu só ando é calado

Eu me chamo é Tomba Morro
E o que eu tombei está tombado

Ô mãe, quando for a senhora me leva
Me leva, minha mãe, pra sua aldeia
Ô mãe sou seu filho e estou cansado
Ô mãe, de viver na terra alheia

Preto Velho

Chapéu de couro, por Deus abençoado
Me dá licença pra eu entrar nesse reinado

É meia-noite quando o galo cantou
É de manhã o dia já amanheceu
Seu Preto Velho pegou sua espada
Para debater com seus inimigos

Olhei pro céu, vi a estrela correr
Olhei pra baixo, vi a pedreira rebolar
Seu Preto Velho pegou sua espada
E a Sereia cantou no meio do mar

Preto Velho, Preto Velho
Preto Velho do canjarê
Comigo é na macumba
No azeite de dendê

Preto Velho, Preto Velho
Preto Velho curador
Comigo ninguém topa
Comigo ninguém topou

Passei na porta de um bar
Me chamaram de cachaceiro
‘Sê besta, moleque ousado
Se eu bebo é com meu dinheiro

Meu pai ê vem o velho
O velho vem do mar
O velho de tão velho
Que não pode mais andar

Meu pai é vem o velho
O velho é vem de aldeia
O cabelo do velho
De tão alvo que alumeia

Sou eu Preto Velho
Que não mexo com ninguém
Se mexer comigo topa
Se topar não fica bem

Mamãe Catarina
Balaio de fulô
Balaio de fulô
Balaio de fulô

Ô, eu já vou, já vou já
Vou embora pro lado de lá
Vou embora pro lado de lá
Senhor do Bonfim é quem vai me levar

Eu já vou embora
Minha morada não é aqui
Eu já vou embora
Minha morada é no peji

Meu povo, adeus
Que eu vou de mundo afora
Vou ver Ogum lá em Aruanda
Com Deus e Nossa Senhora
Com Deus e Nossa Senhora
Eu vou ver meu pai Ogum
Me dê licença Oxalá
Pra visitar dolorum



Nagô

Ô Nagô Ína orixá
Nagô rerê
Ô Nagô Ína orixá
Nagô rerê

Chegou Nagô, bandeira
Chegou Nagô velho, curandeira
Lá no cacho do dendê
Eu vi Nagô gemer
Eu vi Nagô gemer

Nagô, Nagô, Nagozága
Nagozága de nagô
Rainha da costa d'água
Meu Deus para onde eu vou

Nagô trabalha com dendê, farofa e vatapá
Na linhagem de nagô
Nunca puderam derrubar

Ê cum, ê cum aê
Nagô trabalha é com dendê
Ê cum, ê cum aê
Nagô trabalha é com dendê

Nagô velho, jarê
O que é que veio fazer
Mas eu vim vadiar no terreiro
Valei-me, minha mãe, valei-me

ô costa, ô costa
ô costa vencedor
na linha da macumba
costa velho é curador

Eu venho de beira-mar
Eu venho jogar meus búzios
Eu venho de beira-mar
Nagô trabalha é no seguro

Terra molhada, barranco do rio
Chegou Nagô velho que pisa macio
Terra molhada, barranco do rio
Chegou Nagô velho que pisa macio

Sou Jeje, sou Jeje
Sou Jeje-Nagô
Pra que buliu
Com a linha de Jeje-Nagô

Oxalá

Oxalá, Oxalá, Oxalá
Ele é de Oiá

Oxalá, tintin
Oxalá meu alamim

Oxalá, meu pai
Tem pena de mim, tenha dó
A volta do mundo é grande
Os poderes de Deus, o seu é maior

Baluaê

Perdoa Baluaê, com todos os orixás
Perdoa Baluaê
Pelo amor de Nossa Senhora

Abaluaê, Abalorixá-ê
Ouça meus pedidos, Obá
Nas ondas do mar, ê

Baluaê, atotô
Baluaê, arê-ô
Baluaê, atotô
Baluaê, arê-ô

Meu pai, ê vem o velho
O velho vem do mar
O velho de tão velho
Que não pode mais andar

Baluaê veio de aldeia
Ele veio com seus orixás
Ô viva Deus, viva todo o santo Lemos
Ô viva nossa aldeia real

Baluaê tem seu dia
Nana-ê tem seu dia
Baluaê tem seu dia
Nana-ê tem seu dia

Quem passeia na varanda
É o senhor Baluá
Quem passeia na varanda
É o senhor Baluá
Mas quem passeia na varanda
É o senhor Baluaê

Nanã

Ô Nanã borocô, quem tremer, cai, cai
Quem tremer, cai, cai
Quem tremer, cai, cai

Ô Nanã no-ê
Ô Nanã no-á
Ô Nanã no-ê
Oxum já veio do mar
Ela traz consigo
Três pedras de ouro
Para repartir, ô
Com seus filhos todos

Ô Nanã ê Nanã ê
Nanã ê totô Nanã ê totô Nanã ê totô

Nanã brinca na areia
Nanã brinca no areial
Nanã pega menino
Não tem resultado não

Nanã quando despede
Despede com alegria
Adeus santo terreiro
Adeus até um dia

cantigas para Boiadeiro

O boa noite meus senhoras
Boa noite minhas senhoras
Salve velho boiadeiro
Que chegou na aldeia agora

O dia já amanheceu
Tá na hora
Tá na hora do gado chegar
Ô, tá na hora

Seu Boiadeiro, catingueiro
E não deixa o gado passar
Sou filho de mamãe da lua
Sou neto de Oxalá

Seu Vaqueirinho do norte
Eu vim boiar
Eu vim boiar meu gado
Eu vim boiar

Boiadeiro não é meu
Boiadeiro é de alguém
Quem falar de Boiadeiro
Falou de mim também

Vaqueiro, Boiadeiro, oê
Vaqueiro, Boiadeiro, oea

Quando eu vim de Minas
De Minas para o sertão
Comida de Boiadeiro
É coalhada com requeijão

Vaqueiro velho
Ensina vaqueirinho
Tem paciência com ele
Que ele é pequenininho

Seu Boiadeiro lá na mata choveu
Choveu, que abarrotou
Foi tanta água que meu boi bebeu
Seu Boiadeiro
Foi tanta água que meu boi nadou

Olha a ponta do laço, Vaqueiro
Boi vai pegar
Boi vai pegar
Na porteira do curral

Você me chama Boiadeiro
Eu não sou Boiadeiro não
Eu sou tocador de gado
Boiadeiro é meu patrão

Eu sou Boiadeiro
Eu gosto de vaquejar
Eu sou Boiadeiro
Gosto de negociar

Seu boiadeiro
Que hora é essa
As águas do mar correndo
O seu gado, esparramado
Seu boiadeiro o que está fazendo

Boiadeiro sou eu
Boiadeiro sou eu
Quando abre a cancela
Quem boia o gado sou eu

Em cima do morro, queu, queu
Que a onça pegou meu cachorro
Quero couro de jaleco
Pra vender meu jaleco de couro

Cetroá, cetroá
A minha corda é de laçar
Cetroá, cetroá
A corda de laçar meu boi

Ô na minha boiada
Me falta um boi
Eu não sei se é um
Eu não sei se é dois

Vaqueiro, quando o dia amanhece
É hora de Vaqueiro trabalhar
Vaqueiro, chama seu bando
Que a bezerrada vai logo chamar

Seu boiadeiro tá
Seu boiadeiro é
Ele é dono das enchentes
Ele é dono da maré

Vaqueiro vai embora
Que o dia já amanheceu
Fugiu uma novilha
E a novilha que o patrão lhe deu

Seu boiadeiro, aonde vai
Eu vou pra minha terra
Seu boiadeiro, espera eu
Nós vamos vencer a guerra

Cadê meu jaleco
Cadê meu gibão
Minha corda de laçar
Minha vara de ferrão

E ô Hilário, cadê meu gado
E ô Hilário, meu gado não está
Patrão, seu gado fugiu
Hilário veio me avisar
Na hora de eu viajar

Quem arrasta chinela aí
Sou eu boiadeiro de Minas

Olha a estrela, olha a estrela
Olha a estrela matutina
Boiadeiro olha a estrela Odé

De lá de cima desceu uma boiada
Uma boiada que Odé mandou
Senhor Odé é um bom patrão
Senhor Odé é um bom senhor

Cadê Odé, meu pai
Cadê Odé
Nós estamos batendo couro, meu Deus
Cadê Odé

Odé de Lê
Pisa na ponta do pé
Pisa na ponta do pé
Odé de Lê, de Badé

Odé, Odé, Odé mim tatá
Odé, Odé, Odé mim tatá
Odé mim tatá, Odé
Odé, mim tatá



cantigas para *Cosme e Damião*

Ô, Viva, ô, viva
Ô viva Cosme Damião
Ô Viva

Cosme Damião meu pai
Vós me deis licença
A casa pode, meu pai
O terreiro aguenta seus filhos

Deú não é menino
Que se engana com tostão

Deú não é menino
Que se engana com tostão
Só lembra de Deú na hora da precisão
Só lembra de Deú na hora da precisão

Dois-Dois não é meu
Dois-Dois é de titia
Dois-Dois não é meu
Dois-Dois é de titia
É pra pagar a língua dela
Que falava todo dia

São Dois viajeiro
Que viaja no mar
São Dois viajeiro
Que viaja no mar
A barca virou, pesou
Dois-Dois quer nadar
A barca virou, pesou
Dois-Dois quer nadar

Dois, Dois, Dois, 'Taliano
É Dois, é Dois, é Dois, 'Taliano

Cosme e Damião
Hoje é seu dia
Ele é devoto
Da Virgem Santa Maria

Dois-Dois não brinca
Dois-Dois não erra
Só entra no terreiro
Com seu batalhão de guerra

A pancada do tambor
Abalou meu coração
Abala mas não abala
Viva Cosme Damião

Dois-Dois quer mel
Dois-Dois quer cabacinha
Dois-Dois quer vadiar
Com essas duas criancinhas
Essas duas criancinhas
Um é homem outra é mulher
Dois-Dois quer vadiar
Com a cabaça de mel

Ô Cosme Damião, mas cadê Deú
Cosme Damião com todos seus orixás
Ô Cosme Damião, ô viajou por água
No som dessa corneta, todos dois,
nadava

Dois-Dois é rosa
É sucena, é sucena
É a flor cheirosa

Cosme Damião
A sua casa cheira
Cheira a cravo e rosa
Cheira à flor da laranjeira

Cosme e Damião que hora você
chegou
Cheguei de madrugada depois que
o galo cantou
Depois que o galo cantou nessa
mesma ocasião
Vamos dar viva louvores São Cosme
e São Damião

Dois Dois olha o presente
que eu aqui vim lhe trazer
Cariru com vatapá
e azeite de dendê

Ô Cosme, ô Cosme
Ô Damião mandou chamar
Ô chama ele
Na carreira
Pra vir brincar com lemanjá

São Cosme, São Damião
Vieram de beira mar
Ajuda o dono da casa em primeiro
lugar
Ajuda eu, São Cosme
Ajuda eu, sambar

Cosme veste verde
Damião veste azul
Santa Bárbara veste branco
Na hora do cariru

Cosme e Damião eu já matei galinha
Cosme e Damião eu já matei peru
Cosme e Damião já comeram tudo
Cosme e Damião, não deixei nada pra tu

Cosme e Damião
são dois menino pequenininho
No dia da festa dele
Deixou Damião sozinho
Ai meu Deus
Que dor no meu coração
Cosme veio pro samba
E não trouxe Damião

E a barquinha de Dois-Dois remou
E a barquinha de Dois-Dois remar
E a barquinha de Dois-Dois remou
E a barquinha de Dois-Dois remou no mar

Papai me mande um balão com todas as
crianças que tem lá no céu
Tem doce papai
Tem doce mamãe
Tem doce no meu jardim

Ê, Cosme Damião chegou
Ê, Cosme Damião chegou
Cosme bate caixa, Damião bate tambor
Cosme dá remédio, Damião é curador

Mas é Dois-Dois
Que ama os inocentes
Mas é Dois-Dois
Que adora o senhor
Louvado seja
São Cosme e São Damião
Os inocente é a luz do pecador

São Cosme mandou fazer
Duas camisinha azul
É uma pra festa dele

Outra pro cariru
Vadeia Cosme, vadeia

Cadê meu anel de ouro
Que eu perdi no mar azul
Quem achou foi Deú

Mãe d'Água é rica, é rica
Mãe d'Água tem cabedá
Mãe d'Água paga dinheiro
Para ver Dois-Dois vadiar

Sou menino, sou pequenino
Eu sou vadio quero vadiar
Vadeia dois dois
Que a casa é sua
Até as estrelas do céu a brilhar

Ê vem Cosme, ê vem Damião
Ê vem ele com a bandeira na mão

Cadê a galinha de Dois-Dois
Tá na cozinha cozinhando
Dois-Dois é meu leá
Tá comendo a galinha e não me dá

ê vem Cosme ê vem Damião
ê vem eles com a bandeira na mão

Viva Cosme Damião
Viva com muita alegria
Ajudai nós alcançar
O outro ano neste dia
Ô, Cosme, ô, Cosme
Vamos pro lajedo
Ô, o lajedo é frio
Mas pra Cosme não faz medo

Ô meu mano adeuzim
Ô meu mano adeuzá
Eu vou embora
Pro meu canzuá

Até amanhã, se Deus quiser
Até outra hora, se eu aqui vier

Cosme Damião
Vem comer seu cariru
É de todo ano
Fazer cariru pra tu

Vinte e sete de setembro
Cosme Damião e Deú
Até os peixe das água
Comeu o seu caruru

Ô Cosme Damião
Eu já comi seu vatapá
Quero que me dê
O salão pra vadiar
Ô é de um a um
É de dois a dois
Ô Cosme Damião
Ele é Dois Dois

Tapuia

Tapuinha veio, veio vadiar
Tapuinha veio, veio vadiar
Ô ela só deve vir
Tapuia do forte do mar
Ô ela só deve vir
Tapuia do forte do mar

Tapuinha menina, tá de viagem
Tá de viagem, vai viajar

O pai, o pai
O pai amado
Quem tem pai tem tudo
Quem não tem pai tem nada
Meus caboclinhos
Vamos embora

Pra nossa aldeia
Onde nós mora

Cantigas de sotaque

Pisa no massapê, escorrega
Quem não sabe andar escorrega

Ô quebra cabaça, machuca semente
Chegou o povo que fala da gente

A língua que fala o que não vê
Merece fritar no dendê
A língua que fala o que não é
Merece cortar pelo pé

Pisa, caboclo, que eu gostei de ver pisar
A pisada do caboclo faz a areia
esparramar

Pisa caboclo, não me atrapalha
Deixa eu comer
Deixa eu beber minha sapucaia
Minha sapucaia é de Aruanda
Não tem mestre que não coma
Que não beba e que não caia

Sou eu que me deito tarde
Sou eu que acordo cedo
Sou eu que ando jurado
De jura eu não tenho medo



memória das
**cantigas
do Jarê**

LENÇÓIS, 2021

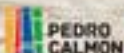


cantigasdojare.com.br
@cantigasdojare

realização



apoio financeiro



SECRETARIA DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

